

A black and white photograph of a couple lying in bed, looking at each other. The man is on the left, shirtless, and the woman is on the right, wearing a light blue shirt. They are both looking towards the center. In the foreground, a woman's hands with blue nail polish are typing on a silver laptop. The laptop is open and positioned in front of the couple. The background shows a tufted headboard and white pillows.

FABI DIAS

ME CONTE UMA
História



PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ME CONTE UMA
História

PERIGOSAS ACHERON

1ª edição, Bahia

Copyright @ 2018 por Fabi Dias

Capa : Laís Regina dos Passos

Revisão: Eveline K.

Diagramação digital: Fabi Dias E Julia Iule

Edição: Eveline K. e Taiane Maciel

Esta é uma obra de ficção. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Todos os direitos reservados.

É proibido o armazenamento e/ou reprodução de qualquer parte desta obra através de quaisquer meios sem o consentimento da autora.

A violação autoral é crime, prevista na lei nº 9.610/98, com aplicação legal pelo artigo 184 do Código Penal.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Dedico esta obra a todos os
escritores que, em meio a tantos
contratempos, continuam se
aventurando e disseminando
sonhos.

PERIGOSAS ACHERON

Sumário

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Epílogo](#)

[Biografia e obras](#)

Capítulo 1

Laura

Eu estava encolhida no canto da cama quando ele entrou no quarto. Não queria que me visse naquele estado, sabia que toda aquela conversa se repetiria.

— Você está chorando de novo? — aproximou-se, irritado. — Isso não é normal!

— Para, amor! — clamei.

— Isso é coisa de gente insatisfeita, não tá feliz comigo, é isso? Tá gostando de alguém? — inquiriu como se o mundo girasse em torno dele.

— Sai daqui, poxa! Não posso nem mesmo chorar, que saco!

— Este quarto também é meu, sabia? Quer chorar na minha frente e não quer que eu fale nada.

— *Eu não poderia chorar nem mesmo no banheiro que você viria atrás — joguei em sua cara. — Você não me dá espaço nem para chorar em paz.*

— *Só digo uma coisa, não quero ser o último a saber, ouviu? — Apontou o dedo para mim, depois andou de um lado para o outro até se acalmar. Parou, respirou fundo e tentou mudar o rumo da conversa. — Tem jantar?*

Mal esperou por uma resposta e foi para o banheiro, voltando logo depois com um cenho franzido e um ar arrependido.

— *Desculpa aí, vai! — Bagunçou o meu cabelo, achando que aquilo era carinho. — É que todo dia é isso agora, tá ficando difícil!*

— *Só quero ficar no meu cantinho, tá bom?*

— *Tá precisando de alguma coisa? Te deixo faltar algo?*

Para ele, se tivesse um teto e comida, não havia
PERIGOSAS ACHERON

porque um ser humano ficar triste. Eu estava com tudo engasgado na garganta, sempre que tinha essas crises, queria terminar com ele, mas a coragem ia embora quando me via só.

— Amor, fala o que tanto te incomoda, assim posso te ajudar.

— Você não quer ouvir o que tenho pra dizer, já falei tantas vezes e sempre acabamos brigando.

— Tá bom, prometo que vou ouvir até o fim.

Levantei os olhos e o encarei, as lágrimas não recuavam, mas eu tinha que dizer.

— Tô cansada de você gerir a minha vida. — Olhei para as minhas mãos e falei mais baixo que o normal. — Quero meus cartões em minha mão.

Ele colocou as mãos na cintura e me olhou friamente.

— Pera aí, a gente tá brigando por causa de
PERIGOSAS ACHERON

dinheiro, é isso?

— A gente não tá brigando, mas eu sabia que diria isso, porque é o que você sempre diz quando tento ter essa conversa.

— Você acha que eu tô te roubando? É só fazer as contas, o nosso dinheiro é todo gasto dentro de casa. — Fez-se de ofendido. — É porque eu ganho menos, né? Tem que me humilhar todas as vezes por causa disso.

Foi até o criado mudo e pegou a sua carteira, depois a abriu e tirou o meu cartão da conta corrente.

— Quer o de crédito também? Você sabe que está devedor, né? — explicou-se sem jeito. — A gente teve que gastar dinheiro pra manutenção do carro.

— A gente? Sabe há quanto tempo eu te peço o MEU cartão para colocar a prótese do meu dente? — Abri a boca e mostrei os pontos na gengiva. — Eu perdi meu dente, o canal infiltrou depois de
PERIGOSAS ACHERON

tanto tempo, não tinha mais jeito.

— Ah, amor! Por que não falou antes?

— Mas eu falei, te pedi o cartão várias vezes, só faltei me ajoelhar para ter que usá-lo, como se ele nem me pertencesse.

— Mas você não disse pra que era, pô! Achei que fosse pra sua mãe que fica sempre te explorando pedindo alguma coisa.

Olhei para ele e tentei me lembrar dos motivos pelo qual nos casamos. Eu havia engravidado aos dezenove, mal tínhamos nos conhecido, foi um acidente. Eu nem queria casar, mas ele mostrou-se tão apaixonado e disposto a batalhar por nós, que acabei cedendo.

Eu e Felipe nos conhecemos no último ano do ensino médio. Ele era amigo de um amigo em comum. Começamos a namorar e naquela onda de não entrar na faculdade virgem, eu acabei dando pra ele. Estávamos juntos há pouco mais de um
PERIGOSAS ACHERON

mês e por azar, fiquei grávida de primeira.

Meu pai implorou para que eu não casasse, disse que era muito nova e que não via futuro em nossa relação. Falou que assumiria a criança e que nada nos faltaria. Mas eu o ouvi? Não! Cedi à carinha de anjo do Lipe e me casei.

No começo, nenhum dos dois trabalhava, ele conseguiu um bico na oficina, eu não iria conseguir trabalho estando grávida. Meu pai nos deu uma casinha e ficou ajudando com as despesas no início.

Não demorou e eu descobri que havia passado numa faculdade que ficava na cidade vizinha. Optei por fazer o curso noturno, assim, quando o bebê tivesse maior, poderia arranjar um trabalho durante o dia.

Lipe foi contra, disse que não teríamos dinheiro para o traslado, mas eu sabia fazer geladinho e passei a vender na porta, assim tirava a grana do transporte.

Na primeira semana de aula o meu ônibus foi assaltado, no desespero, o motorista arrancou com tudo e eu, que estava sem cinto, me machuquei muito e perdi o bebê.

Foi algo muito triste e que me uniu muito ao meu marido. Ele mostrou-se cúmplice, parceiro e fomos tocando a nossa vida. Fazia faculdade à noite e arranjei um emprego durante o dia. Lipe não era dado aos estudos, então sempre pulava de um emprego para o outro.

Quando terminei o curso, passei num concurso público e o meu salário ficou maior que o dele, aí o nosso inferno começou. Com a desculpa de que tinha mais tempo, já que eu trabalhava em horário comercial, ele se ofereceu para pagar as contas. Nos fins de semana, enquanto eu limpava a casa, ele fazia as compras. Nunca mais vi meus cartões depois disso.

Todas as vezes que queria ir ao salão de beleza ou a alguma loja, ele ia comigo e “pagava” o que eu precisasse. Sempre que dizia o quanto aquilo me

PERIGOSAS ACHERON

incomodava, ele sentia-se insultado e eu acabava deixando para lá.

Depois que meu pai faleceu, a vida de minha mãe, que não trabalhava, ficou muito difícil. Enquanto a pensão que ela receberia pela morte dele não saía, eu passei a ajudá-la e o caldo entornou de vez.

Eu não estava feliz, já não sorria mais, chorava constantemente, havia me afastado dos amigos porque ele começou a recebê-los mal. Não aguentava mais a nossa convivência. Não era o amor que nos unia, nunca foi, eu tinha que dar um basta nisso.

— Você me negar o cartão para que eu não ajude a minha mãe é o fim da picada! — Não era de partir para a briga, mas não tolerava mais nada dele.— Você se esqueceu o quanto o meu pai nos ajudou? Esqueceu o que é precisar de alguém?

— Lá vem, já vai jogar na cara! Você sempre se achou melhor que eu, estudou mais que eu e ganha mais que eu, mas a gente se ama, nunca esqueça
PERIGOSAS ACHERON

disso.

— A gente não se ama, Lipe! Você não me ama, nunca me amou. — Demorei, mas acordei para a vida. — Quem ama, respeita e você não me trata com o devido respeito. Se isso é amor, por que me sinto mal? Por que esse nó em minha garganta? Tem algo de errado, não percebe?

— Eu te traio, por acaso? Chego bêbado em casa? Você não sabe o que é desrespeito. — Joga o cartão sobre a cama. — Você quer terminar, é isso?

Novamente chegamos nesse impasse e novamente ele me perguntou a mesma coisa. Eu entrei em pânico de novo. Comecei a suar frio e tudo escureceu.

Seis meses depois...

Balancei a cabeça espantando as memórias antigas e voltei a atenção para a tela do computador. Por incentivo de uma psicóloga que me atendeu na

PERIGOSAS ACHERON

emergência e que depois passou a me acompanhar, eu comecei a escrever.

Eu havia terminado de digitar a última palavra e suava frio de tanta tensão. Aquele conto me representava e eu esperava que ele servisse como alerta para todos que vivem ou viveram um relacionamento abusivo, assim como eu.

Depois de muito pensar, decidi qual seria o título: Uma carta de amor próprio. Era uma carta de alforria, de libertação pessoal e de felicidade extrema. Era uma forma de dizer: eu me amo, por isso me despeço de você.

Cliquei em publicar e esperei o primeiro comentário. Minha vida ganhou um novo significado depois que conheci o mundo das publicações em plataformas digitais. O primeiro romance que escrevi foi erótico, eu transformei minha frustração pessoal em um livro de encorajamento feminino.

Escrever um romance onde um homem
PERIGOSAS ACHERON

maravilhoso se relacionava com a mulher que ama foi uma forma de mostrar o meu ideal de um casamento perfeito. No fundo, eu queria ter vivido aquele amor e transformei o meu pesadelo num sonho.

O Romance tomou um rumo diferente depois que ouvi os conselhos de uma amiga que me apresentou a muito livros do mesmo estilo, aí o livro acabou seguindo um caminho erótico e cada vez que escrevia, mais desejo de viver aquilo eu tinha.

Nunca havia parado para pensar no quanto minha vida sexual era frustrante, mas pelos comentários que recebi das leitoras, eu não era a única.

Esse romance me trouxe amigos, deu um novo significado à minha vida e eu estava muito feliz. Quase cinquenta mil leituras em poucos meses, isso me encorajou a escrever o conto que eu havia acabado de publicar.

Fui conferir o meu perfil, responder às minhas leitoras queridas, quando levei um susto.

— Não, não, não!

Meu nariz ardeu e meus olhos pareciam ter areia. O meu livro, aquele que eu tive tanto trabalho para escrever, havia desaparecido da plataforma. Meu mundo caiu.

Capítulo 2

Laura

Quero o meu livro de volta!

Durante muito tempo eu vivi um casamento de mentira, durante muito tempo eu acreditei que aquela era a realidade a que tínhamos direito e, por isso, me conformei.

Quando estava discutindo com o meu marido, há pouco mais de seis meses, sofri uma crise de ansiedade que me levou ao hospital. Só lembro de não conseguir respirar, de sentir uma dor que comprimia o meu peito a ponto de achar que estava partindo-o ao meio.

Ao acordar naquele ambiente frio e austero, dei-me conta de que já não estava bem há muito tempo. Meu marido estava ao meu lado, ele conversava com uma senhorinha simpática e respondia perguntas sobre mim. Eu não era nervosa como ele me descrevia.

Aquela médica era uma psicóloga, foi ela quem me ajudou a enfrentar o tão temido, mas necessário, divórcio. Eu tive que perdê-lo para me encontrar e esse processo não é tão simples como uma extração de dente. O processo de desintoxicação é lento, gradual e doloroso, mas no final é empoderador.

Por orientação da doutora, em consultas que se seguiram àquele dia e permanecem até hoje, eu comecei a escrever como forma de desabafo, mas acabei também escrevendo esse livro, que começou como parte de minha cura e tornou-se um sonho lindo.

Eu estava muito feliz com os meus escritos, mas alguém sem coração arrancou o cascão de uma ferida que ainda estava cicatrizando.

Separar-me foi a primeira melhor coisa que fiz em minha vida, a segunda foi começar a escrever. O prazer que sentia ao dedilhar meus sonhos no teclado do computador foi inigualável e melhor do
PERIGOSAS ACHERON

que qualquer remédio.

Estou aqui para pedir que me ajudem a reaver o meu livro. Eu escrevia diretamente na plataforma porque a considerava segura e, por ser leiga no assunto, não salvei o meu material em nenhum outro lugar. Por favor, quem puder me ajudar de alguma forma, entre em contato comigo assim que possível.

Depois de muito chorar, de maldizer a minha sorte e o meu destino, resolvi ouvir o meu coração e escrevi uma carta desabafo. Usei a capa do livro e postei uma explicação aos meus leitores que, desesperados, ansiavam pelos capítulos finais de uma história que mexeu tanto comigo quanto com quem a lia.

Os comentários começaram a chegar bem timidamente. Para controlar os nervos e não ter outra crise de falta de ar, eu resolvi fazer faxina. Ao final do dia, depois de um banheiro lavado, uma bacia de roupas no varal e um chão tão limpo quanto os meus pratos, eu fui encarar o PERIGOSAS ACHERON

computador.

As respostas chegaram em forma de revolta, campanhas pedindo a volta do livro, apoio emocional e uma mensagem que chamou a minha atenção mais do que todas as outras. Fui até o serviço de mensagem privada, coloquei o meu número de telefone e fiquei esperando que ela me ligasse. Agora eu tinha que torcer para ter encontrado a pessoa que poderia me devolver uma parte importante de minha conquista.

Segurei o celular com as duas mãos e fiquei olhando para ele, os segundos demoraram a passar, mas quando ele tocou, meu coração vibrou junto.

— Alô! Oi, tudo bem? É sério o que você disse? — Confesso que tinha pressa e fui direto ao assunto.

— Oi, sinto muito pelo que aconteceu com o seu livro, eu amo a forma como você escreve, sou sua fã. — Amava o carinho das leitoras, mas naquele momento eu queria que ela fosse direto ao ponto.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Muito obrigada! Amo fazer o que eu faço, por isso estou tão desesperada. Acha mesmo que pode ter sido o, como é mesmo o nome dele?

— É Rui, Rui Melo. Tenho quase certeza. — Hesitou antes de continuar. — Nós terminamos por causa do seu livro, então...

— Como assim? — Aquilo me assustou um pouco.

— Aquele padeiro não era como o mocinho de seu livro. Faltava pegada, e apesar do romantismo, faltava aquelas loucuras.

— Sinto muito, nunca tive a intenção de destruir o relacionamento de ninguém.

— Não foi culpa sua, mas ele não pensa assim. — Nesse ponto eu também concordava.

— Por favor, conversa com ele, explica a situação.

— Eu estava desesperada e seria capaz de me ajoelhar na frente dele se pudesse.

PERIGOSAS ACHERON

— Sinto muito, mas a gente terminou e não tô mais falando com ele.

— Então me passa o número dele, pode ser?

— Eu apaguei de minha agenda, mas te passo o endereço se quiser.

O endereço, será que era seguro? E se ela fizesse parte de uma quadrilha? E se quisesse me sequestrar e me obrigar a escrever tudo de novo para ela? Já ouvi falar de casos assim.

— Quero sim! Quero muito! — Meu lado irracional falou por mim.

Conversamos por mais um tempo e logo depois ela desligou. Fiquei sentada na cama olhando o endereço. Sempre fui muito ajuizada e calculava cada passo, mas dessa vez eu sentia urgência. Levei anos para me divorciar, não iria esperar para correr atrás do prejuízo novamente.

Morava a quilômetros de distância do tal Rui, mas
PERIGOSAS ACHERON

ainda tinha duas semanas de licença antes de retornar ao trabalho. Consultei o saldo no banco e vi que tinha condições de fazer a viagem. Não levaria mais do que três dias naquela cidade que, por tudo o que via nos noticiários, era um outro país para mim.

Procurei um *hostel* e fiz a reserva para o dia seguinte. Arrumei uma mochila apenas com o básico e corri para a rodoviária. O último ônibus para a capital saía às vinte e duas horas. Assim que entrei no transporte, liguei para a minha mãe e inventei um curso de aprimoramento. Ela jamais permitiria que eu partisse para uma cidade tão grande em busca de um homem desconhecido.

Depois de duas horas e meia dentro de um ônibus, meia hora dentro de um táxi, uma eternidade de espera no saguão do aeroporto e quase duas horas de voo, eu cheguei ao meu destino.

Pisar na cidade que escolhi como cenário para a história de amor entre os meus mocinhos não estava no meu *script*. Olhei para o céu cinzento e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

me familiarizei com todas as fotos que vi na rápida pesquisa que fiz pela internet.

Estava em uma das cidades mais populosas do Brasil, tudo era muito grande e ao vivo era bem diferente. Não tinha como descrever aquele frio que estava arrepiando a minha pele, isso não aparece nas fotos. Voltei a vestir a jaqueta que usara durante o voo, mas o frio ainda machucava os meus ossos.

Peguei um táxi e passei o endereço que a minha leitora havia me dado, era do trabalho dele. Ainda era cedo, mal havia amanhecido, mas com o engarrafamento que via nos jornais, melhor mesmo eu me adiantar logo.

Durante o percurso eu observei os inúmeros condomínios de prédios tão altos que até assustava. Assim como em outras capitais, o contraste social era marcante ali também. Luxuosos condomínios e prédios empresariais eram intercalados por bairros carentes de atenção governamental.

PERIGOSAS ACHERON

Crianças dormiam sob algumas marquises, outras já estavam pedindo dinheiro no sinal. Olhei para os trapos que vestia e me perguntei como sobreviviam nesse frio. A cidade parecia acordar cedo. Não demorei a ver as calçadas sendo preenchidas por pessoas de várias tribos. O táxi parou.

— É aqui, senhora. — Apontou para o taxímetro.

— Muito obrigada, senhor!

Estendi as cédulas e, enquanto esperava o troco, conferi o letreiro. Não queria ficar perdida. Recebi o troco e saí do carro, mas, antes de bater à porta, eu respondi:

— É senhorita, não senhora.

Ele resmungou qualquer coisa e arrastou o carro. Fiquei parada observando aquela rua comprida, quase reta e cheia de pontos comerciais. Havia escolhido o meu *hostel* a dois quarteirões atrás, até tentei nessa rua, mas era muito caro, agora eu entendia o porquê.

PERIGOSAS NACIONAIS

Casas comerciais de todos os tipos compartilhavam a longa calçada. De farmácia a estúdios de tatuagem, de salão de beleza a lojas de produtos naturais. Isso até onde meus olhos alcançava. Tinha até medo de descobrir o que mais eu encontraria por aqui. Eu estava faminta, olhei novamente o letreiro e gostei do nome: Padaria e Lanchonete Pão Gostoso, sabor em todos os sentidos.

Entrei em um ambiente acolhedor e rústico, mas ao mesmo tempo moderno. A exposição de vigas de madeira no teto contrastam harmoniosamente com as cadeiras em tons claros, dando ao espaço calor e sofisticação na medida certa. Próximo a uma parede de pedras havia um sofá de canto marrom com almofadas em cores vibrantes. A mesa de centro era de jaqueira tornando aquele cantinho muito elegante e confortável.

Aproximei-me de um dos expositores de madeira e fiquei encantada com a diversidade de pães. Direcionei-me ao balcão vitrine e fiz o meu pedido. Pediram-me que esperasse em uma das mesas

PERIGOSAS ACHERON

redondas que já iriam me servir.

Enquanto esperava pelo meu desjejum, abri a bolsa e liguei para a minha mãe.

— Bom dia, mãezinha!

— Bom dia, filha! Chegou em paz? Tá gostando daí? É bonito como na tv?

— Calma, mãe, uma pergunta de cada vez! Cheguei em paz, sim, graças a Deus! Tô faminta, então não tô gostando de nada por enquanto. É bonito, mas tem muita miséria também, mãe. Eu não saí do país, não, tá? Aqui tem coisa boa e coisa ruim como em qualquer canto.

— Se cuida direitinho, tá minha filha? Mãe te ama!

— Eu também te amo, mãe! A benção.

— Deus te abençoe, te guie e te guarde.

— Amém, dona Ana! Até mais. — Desliguei antes que a minha mãe começasse a chorar.

Meu estômago começou a roncar e não demoraram a me servir, mesmo a padaria já estando cheia. Deliciei-me com cada pedacinho daquele pão, era o melhor que já comi em toda a minha vida. O café também era delicioso, aquela padaria fazia jus ao nome. Tudo perfeito. Peguei a comanda que me entregaram e me dirigi ao caixa. Além de pagar a conta, tinha que pedir informações sobre o padeiro que estava tentando arruinar a minha vida.

A fila não estava tão grande, muitas pessoas ainda se deliciavam com o perfeito café da manhã daquele lugar. Quando o rapaz do caixa pediu a minha comanda, eu fiquei sem ar. O cara era muito lindo, não aquele tipo de beleza comum que se via nos filmes ou passarelas, era uma beleza tão rústica quanto a daquele local.

Ele tinha uma expressão tranquila, um olhar marcante e cabelos tão pretos quanto a barba bem aparada. A boca era bem desenhada e o contorno de fios escuros a tornava ainda mais linda. Quase que não ouvi o que ele dizia, até que me cutucaram no

PERIGOSAS ACHERON

ombro.

— Mocinha, pode pagar logo, por favor? Tenho horário no trabalho — falou a senhora atrás de mim.

— Cla...claro, desculpe-me!

— Nove e cinquenta, por favor. — O deus grego do caixa, pediu, sem nem olhar a minha cara.

Apesar de achar um absurdo, tirei o meu cartão e paguei o valor cobrado. Não podia negar que tudo estava uma delícia.

— Lady Laura, sério? — Agora ele tirou o foco do trabalho e olhou para mim. Não sabia definir se sua expressão era de espanto pelo nome ou de incredulidade.

— Meu pai era fã do Roberto. — Ri, levemente sem jeito. Era difícil passar despercebida nos lugares com um nome como o meu. — Ao menos ele é único.

PERIGOSAS NACIONAIS

— É, talvez! — Olhou mais uma vez para o cartão e arqueou a sobrancelha, parecia pensativo.

Eu digitei a senha enquanto sentia o seu olhar intenso sobre mim. Será que percebeu que eu havia secado a sua beleza? Comecei a ficar nervosa diante de sua análise. Estava sem jeito, mas tinha que perguntar.

— Olha só, sei que está trabalhando, mas preciso de uma informação sobre um funcionário daqui.

— Por favor, eu realmente não quero chegar atrasada ao trabalho. — A senhora novamente me lembrou que estava com pressa.

O gato do caixa me olhou, franziu o cenho e depois fez sinal para que eu saísse da fila.

— Sente em algum lugar e me espere, por favor. Assim que terminar aqui, te atendo. — Apontou para o sofá de canto.

PERIGOSAS ACHERON

A senhora sorriu ao perceber que seria atendida e eu tratei de não atrapalhar mais o trabalho do rapaz.

Antes de me sentar, procurei o banheiro. O cabelo desgrenhado chamou logo a minha atenção assim que me olhei no espelho. Ah, deve ter sido por isso que ele ficou me encarando tanto, só pode.

Ajeitei os fios fora do lugar, escovei os dentes e aproveitei que já estava num ambiente reservado para limpar o sovaco com lenços umedecidos e repor o desodorante.

Fui para onde ele me indicou e me afundei no sofá. Era mais confortável do que parecia. Pouco tempo depois ele chamou alguém para assumir o caixa e veio até mim.

— Então senhora Lady Laura, em que posso ajudá-la? — Apertou a minha mão e sentou-se. — Foi destratada por alguém aqui? Não toleramos esse tipo de comportamento em nosso estabelecimento.

— Ah, não, não foi nada disso. — Olhei para o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

crachá em seu bolso. — Senhor Alberto, o que vou te pedir é algo incomum, mas preciso muito conversar com um padeiro desse estabelecimento.

— Suponho que não queira trocar receitas, então, o que deseja? — Olhou-me sério e preocupado. — A senhora é alguma agiota ou algo do tipo? Não quero escândalos por aqui, por favor!

— Não, não, não! Para começar, é senhorita, mas me chame de Laura, por favor. Não vim cobrar nenhum dinheiro. — Respirei fundo, não estava sabendo como explicar algo tão embaraçoso. — Eu vim pegar um livro meu que está nas mãos dele.

— Você veio até a padaria, me tirou do trabalho para pegar um livro? Se têm intimidades para trocar livros, devem ter o telefone um do outro.

— Não, eu não o conheço e não temos nenhum tipo de intimidade. — Droga, como explicar sobre o meu livro denunciado? — Eu vim atrás de meu livro que ele roubou!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tenho um funcionário que rouba livros então? Olha, por essa eu não esperava. — Apoiou o cotovelo no braço da poltrona onde estava e segurou o dedo indicador em frente aos lábios. — Qual o nome do ladrão de livros?

— É Rui, senhor Alberto. Rui Melo.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 3

Laura

Alberto apoiou os cotovelos sobre os joelhos, levantou os antebraços, cruzou as mãos e segurou o rosto sobre elas. Tinha um ar misterioso e parecia pensar no que diria.

— Tinha um funcionário com esse nome, mas ele se demitiu recentemente. — Titubeou ao falar, parecia estar escondendo algo.

— Mas que droga! — Levantei-me chateada. — Viajei por horas para nada. Precisava muito conversar com ele. Não tem um endereço onde eu possa encontrá-lo?

— É política da nossa empresa não sair distribuindo o endereço de nossos funcionários para estranhos, sinto muito. — Olhou-me medindo as minhas reações e por fim, disse o que pensava. — Não sei se ele ficaria feliz em te ver.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Como pode achar qualquer coisa sobre mim? —
Segurei as mãos na cintura. — Ele nem me
conhece, nem você me conhece. Por que acha que
ele me evitaria?

Alberto parou e me olhou pensativo, parecia estar
sempre medindo cada palavra e ação. Fiquei
desconfiada. Será que não acreditava em mim?
Será que o tal Rui era perigoso?

— Sabia que já tinha ouvido esse nome antes. —
Ponderou antes de falar. — Você é a escritora da
SonhoDigital, não é?

Parei boquiaberta diante de sua descoberta.

— Ele só falava em você nos últimos meses, foi a
responsável pelo fim de um relacionamento de
quase dois anos.

— Ele é um idiota se acha que uma simples história
iria pôr fim a um relacionamento verdadeiro. —
Deixei que as lágrimas caíssem. — Ele acabou com
o meu trabalho, por nada.

PERIGOSAS ACHERON

Alberto levantou-se e me ofereceu um lenço de papel que puxou da caixa sobre a mesinha de centro. Sua atitude foi gentil, vi uma certa tristeza em seu olhar.

— Olha, ele não é nenhum monstro, eu o conheço há anos. — Tentou justificar a atitude de um colega de trabalho. Homens realmente eram muito unidos.

— Se você conhecesse a minha história, iria saber que aquele livro celebrava o amor e não o contrário.

Olhou para os lados como se precisasse tomar uma decisão importante, depois foi até o sofá e pegou a minha mochila, jogando-a em seu ombro.

— Vamos sair daqui, não quero espantar os clientes. — Puxou-me pela mão. — Vamos tomar um ar e aí você me conta sobre o seu livro.

Como se fosse a coisa mais normal e correta a se fazer, eu me deixei ser guiada por um homem

PERIGOSAS ACHERON

estranho. Do lado de fora caía uma garoa fria e persistente. Corremos na chuva e paramos próximo a uma caminhonete.

— Eu não vou entrar em seu carro. — Estanquei em frente à porta que ele abrira para mim.

— Por quê? Só porque não é um Audi do último ano? — Riu de minha expressão de incredulidade.
— O Rui só falava desse carro e do CEO lindo e maravilhoso que você tanto enaltecia em seu livro.

— O Rui, definitivamente, era um idiota. Acho que a namorada tinha razão sobre tudo o que me falou dele.

— Você não pode sair por aí ofendendo os outros, eu conhecia o cara e apesar dele não ser perfeito, não era um idiota. Agora entra no carro ou vai ficar toda molhada.

— Não entro em carro de estranhos, só isso.

— E como chegou até aqui? Acha mesmo que
PERIGOSAS ACHERON

todos os taxistas são de confiança? Não lê jornal? — Ele era bom de argumento, além de lindo de morrer.

Diante de sua expressão de bom moço — sei que não devia me deixar levar pelas aparências — e da chuva que começou a engrossar, entrei e coloquei o cinto. Eu devo estar muito mal mesmo para nesse momento ficar confiando e admirando a beleza desse estranho.

— Me fala sobre o seu livro — pediu assim que pôs o carro em movimento. — Se ele é assim tão cheio de amor, quem sabe você poderia me dar umas dicas para arranjar uma garota legal e que caia de amores por mim.

— Não é assim que funciona, arranjar alguém não é como uma receita de bolo. O sucesso do livro não se deve ao fato dele ter um cara lindo ou rico. O seu amiguinho Rui é muito preconceituoso — pausei para pensar na melhor forma de resumir a minha história. — O livro narra a vida de um casal depois de sete anos de casados. Eles se amam tanto e

PERIGOSAS ACHERON

regam esse amor diariamente, mesmo assim tinham receio de serem vítimas da crise dos sete anos.

— Só isso? Deve ser entediante. — Sorriu, mas não olhou para mim, estava concentrado na pista. — E como é escrever sobre CEO? Convive com algum?

— Palhaço! Claro que não conheço nenhum CEO, pesquisei por uma semana inteira antes de mudar toda a estrutura do livro.

— Como assim? — Virou-se para mim, parecia curioso e o seu ar de moleque zombeteiro era de tirar o fôlego.

— O livro não seria sobre um cara rico e poderoso, seria sobre um casal comum e sobre o amor deles mesmo diante das dificuldades. Escrevi quase tudo à mão, mas, quando fui publicar, uma amiga, que é leitora voraz, me disse que a mulherada gostava mesmo era de CEO.

— Hum, tô começando a achar que não deveria ter ouvido a sua amiga. — Entrou em uma rua

PERIGOSAS ACHERON

arborizada que destoava de tudo o que tinha visto até agora na cidade. — Você usou a minha cidade em sua história, não foi?

— Tô começando a achar que você também leu o livro e não quer admitir.

— Ah, mas não li mesmo! O Rui praticamente narrava o seu livro enquanto sovava o pão. Conheço tudo de cor.

O carro parou em frente a uma extensa área verde. Tudo ali era lindo e muito bem cuidado.

— Que praça linda! — Um largo canteiro, cheio de árvores e flores coloridas, embelezava uma avenida de casas rústicas. — Quer dizer que tem lugares assim nessa cidade?

— Isso você não acha pela internet, não é mesmo?

— Parecia orgulhosos de me mostrar algo novo.

Descemos do carro assim que ele estacionou. Fiquei encantada com a visão. Era um pedaço do PERIGOSAS ACHERON

paraíso em meio ao caos cinza daquela cidade imensa. Nunca poderia imaginar que encontraria algo assim.

— A associação de moradores conseguiu transformar este lugar no que é hoje, estava abandonado e tão descuidado que algumas pessoas começaram a depositar lixo por aqui.

— É uma eterna primavera. Eu viveria aqui, moraria aqui para sempre. — Meus olhos lacrimejaram de emoção diante de tamanha beleza, acho que estava sensível além da conta.

— Oh, pelo visto você não é tão fria quanto o Rui pensava.

— Nossa, você sabe como estragar a festa. — Segui a trilha de pedras e sentei-me em um banco com cobertura. — Parece que quem planejou isso aqui lembrou do clima constantemente chuvoso.

— Hum, aprendeu direitinho sobre o clima daqui.
— Sorriu e piscou galantemente. — Por que
PERIGOSAS ACHERON

escolheu uma cidade grande para a sua história?
Por que não escrever sobre o que já conhece?

— Moro em uma cidade que não tem nenhum atrativo cultural ou paisagístico. — Lembrei-me de onde vivi a vida inteira. — Não quero parecer ingrata, mas minha cidade é plana e funcional, só isso. Não tem beleza.

— Há beleza em tudo, Lady Laura, basta saber enxergar. — Alberto olhou-me por um longo tempo, mas eu não conseguia decifrar o que se passava em sua mente.

— Pode perguntar, aproveita que hoje é o dia da conversa sincera com estranhos.

— O que te levou a escrever? Pergunto por que percebi o quanto ficou transtornada diante do sumiço de seu livro. — Pode parecer estranho, mas senti como se ele realmente se preocupasse comigo.

— Direto, você, não? — Passei as mãos na madeira envernizada do banco e comecei a falar. — Havia
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

acabado de me divorciar. Eu estava destruída, achei que fosse por ser o fim de um ciclo, mas na verdade foi por ter vivido tanto tempo com tão pouco e ainda ter me contentando com isso.

Levantei-me e passei a caminhar, ele seguiu ao meu lado, manteve-se em silêncio enquanto eu terminava de falar.

— A psicóloga que me atendeu durante uma severa crise de ansiedade, sugeriu que eu colocasse no papel todas as minhas angústias e sonhos. Eu acabei enchendo apenas de sonhos. Sei que o amor deve ser complexo, mas eu ainda não o vivi em sua plenitude, me casei jovem demais e não foi com o homem certo. — Era assustador como eu estava me abrindo com aquele estranho, mas acho que a certeza de que não o veria mais, me encorajou a continuar. — Aquele é o amor que idealizo. A escrita me salvou, Alberto. Não foi um amontoado de letras que aquele cara tirou de mim, foi parte de um aprendizado, de uma cura. Foi parte do que sou hoje.

PERIGOSAS ACHERON

— Parece muito jovem e ao mesmo tão madura. Não imaginava isso de você.

— E quando passou a ter uma imagem minha? Na fila do caixa ou no caminho até aqui? — Olhei bem no fundo dos seus olhos. — Acho que se deixou levar pelo que o frustrado do Rui dizia a você.

— Desculpe-me, de verdade. Talvez tenha razão, talvez o Rui realmente seja um imbecil.

— Tudo bem, a culpa não é sua, é daquele crápula. Você até parece ser bem legal.

— Não sou tão legal assim, vai por mim. — Expressou preocupação ao dizer isso. — O que vai fazer agora que não encontrou com ele?

O pânico se apossou de mim. Uma dor excruciante comprimiu o meu coração. Eu não sabia como recuperar o meu livro e nem se existia essa possibilidade. Comecei a pensar na besteira que havia cometido e a falta de ar começou. Recostei-me no banco e pensei em ligar para a psicóloga.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você está bem?

— Vou voltar para casa e tentar reescrever a minha história. Foi loucura ter vindo até aqui. — Olhei para o relógio e constatei que havia tempo suficiente para pegar outro voo ainda hoje. — Vou tentar cancelar a reserva do *hostel* e, como minha bagagem é tudo o que está em seu carro, eu não precisarei arrumar nada antes de partir.

Ele sorriu para mim, passou a mão em minha testa tirando alguns fios de cabelos que o vento frio insistia em jogar em meu rosto. Por um momento, só por um momento, achei aquele instante mágico. Meu coração acelerou e eu me afastei, aproveitei e liguei para o estabelecimento onde ficaria pelos próximos dias.

— Alô, bom dia! Sou a Lady Laura, tenho uma reserva aí, isso. Aham, eu mesma. É que aconteceu um imprevisto e terei que cancelar, tudo bem? Aguardo, sim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Depois de uma espera não muito longa, ela me respondeu e disse que tudo ficaria bem e que já tinha alguém querendo a minha vaga. Fui até o homem monumental à minha frente e pedi, um pouco sem jeito:

— Já que entrei em seu carro e você não me colocou num saco preto, acho que posso te pedir algo. — Ele cruzou os braços e ficou me olhando, esperando o que eu pediria. Confesso que estava ficando encabulada diante de tanta beleza. — Pode me dar uma carona até o aeroporto?

Ele continuou parado com os braços cruzados, não parecia estar disposto a isso.

— Tudo bem, eu pego um táxi. Desculpe-me, sei que precisa trabalhar. Hoje é sexta-feira, dia de movimento, nem deveria ter te tirado de lá.

— Você sempre fala muito quando fica nervosa?
— Sorriu ao perguntar. — Posso te fazer uma proposta?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ai, ai, ai! — Olhei furiosa para ele. — Eu tava te achando legal, cara, olha lá o que vai pedir.

— Não, não sou nenhum perverso. A não ser que você me peça para ser. — Me encarou com um sorriso de canto e aquilo foi muito sensual. — Quero te pedir para ficar mais alguns dias. Assim você poderia conhecer a minha cidade como ela é de fato e, quem sabe, reescrever o teu livro com outro olhar.

— Hum, você é bom de argumento, mas eu acabei de cancelar a minha reserva.

— Poderia ficar em minha casa. Não é nenhuma cobertura de luxo, mas pelo brilho em seus olhos ao conhecer esse lugar acho que vai gostar de meu cantinho.

— Eu te dei muita ousadia, peguei em sua mão, entrei em seu carro e agora já está achando que vou para a sua casa. — Olhei em volta e fiquei tentada a aceitar, mas lembrei de minha mãe e de seus sensatos conselhos. — Não posso mesmo.

PERIGOSAS ACHERON

— Que pena, estava querendo conhecer a verdadeira Lady Laura, aquela por trás dos CEOs e das cenas picantes.

— Ah, tá! Agora entendi tudo. Tá achando que sou soltinha como aquela garota do livro? — Ri e ele riu comigo. — Coitada de mim, minha vida não é tão legal e divertida com a dela.

— Não é nada disso, mas pense bem, além de conhecer a verdadeira cidade, poderia visitar alguns lugares que você citou no livro. É como dar vida aos seus personagens. O que acha?

— Você está me parecendo os mocinhos dos livros, está me assustando.

— Mas quem assusta são os vilões, não é não? — Arqueou as sobrancelhas, debochando de mim. — Eu sou o cara gente boa *pra* caramba e que faço a mocinha feliz. Vamos nessa, vai ser legal?

Fiquei sem respostas, a proposta dele era muito
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

boa, na verdade, era sensacional. Meu coração pedia para aceitar, meu juízo gritava por um não. Parei e olhei em volta em busca de uma luz, mas a chuva começou a ficar forte. Ele me puxou pelo braço e acabamos atravessando a rua para nos proteger debaixo dos telhados da varanda de uma casa.

A chuva ficou tão forte que tive que gritar para ser ouvida.

— Eu não deveria, é loucura, a maior loucura que já fiz... mas eu topo.

Ele riu e eu tive vontade de roubar um beijo seu. Ele tirou uma chave do bolso e se direcionou para uma porta na lateral da casa onde estávamos passando a chuva.

— Bem-vinda ao meu humilde lar. — Girou a chave na fechadura e a porta se abriu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 4

Laura

Assim que a porta se abriu, um cheiro de lavanda impregnou o meu nariz e penetrou os meus sentidos, convidando-me a entrar. Não sou o tipo de pessoa deslumbrada, não invejo nada dos outros ou fico querendo ter tudo o que vejo, mas aquela casa era um sonho de lugar.

O vidro que revestia quase todas as paredes externas amenizava a rusticidade da madeira, da qual a casa era feita, criando um ambiente mais leve e iluminado. Era um lugar tão aconchegante que não me sentia dentro de uma cidade grande, engarrafada e cheia de criminalidade. Ali era um pedacinho do paraíso.

Nas paredes, havia pequenos vasos com plantas ladeando os quadros. O conjunto de sofá bege era decorado com almofadas estampadas. O chão da sala era coberto por um tapete feito à mão. Cada detalhe foi pensado para transformar aquele

PERIGOSAS NACIONAIS

ambiente em um lar harmonioso e que transpirava natureza.

A casa não era muito grande, mas era bem dividida. A sala era o centro e todo o resto da casa surgia em torno dela. Ele fez sinal para que eu explorasse a casa e eu não me contive de sair andando por ela.

Subi dois degraus e fui parar no que parecia ser o seu escritório. Era um ambiente com a mesma largura da sala, porém, bem mais estreito. Uma mesa espaçosa e cadeiras em madeira entalhada compunham o ambiente. Debaixo da escada, prateleiras reforçadas sustentavam coleções de livros, o cesto de lixo era feito com palha trançada.

Esse cômodo era favorecido por janelões em vidro e pude contemplar a varanda que há pouco me abrigou da chuva. Também tinha um lindo vislumbre do jardim bem cuidado do canteiro central. Não sei que tipo de trabalho ele fazia nessa mesa, mas com certeza aquela visão lhe inspirou milhões de ideias.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nossa, sua casa é muito linda! — Não consegui esconder o quanto fiquei encantada com o ambiente. — O que tem aqui em cima?

— O meu quarto.

— Não parece ser muito grande.

— Comporta a minha cama, só o uso para dormir, o que faço bem pouco. — Ele riu com o canto da boca, soou bem safado. — Pode ficar à vontade para conhecer a casa.

Passei os olhos pela estante, tinha livros de paisagismo, *design*, literatura brasileira e espanhola.

— Hum, gosta de romances? — perguntei com um exemplar de “A sombra e o vento” nas mãos. — Esse eu ainda não li, mas amo Carlos Ruiz Zafón.

Ele colocou as mãos na cintura e riu, depois me chamou até a sala e abriu um enorme baú de madeira que servia como mesa de centro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não! Você não apenas mora no paraíso, como tem um baú cheio de tesouros. — Ajoelhei-me e comecei a pegar livro por livro e cheirar um por um antes de devolvê-los ao seu lugar. — Amo livros, sabia?

— Percebe-se. — Levantou-se e me pediu a mão para ajudar-me a levantar também. — Quer um café? Está um pouco frio hoje.

— Aceito sim, obrigada! — Eu o segui até a cozinha e fiquei encantada com a decoração e organização do lugar. — Sinto-me teletransportada para outra época dentro dessa cozinha. Ela tem... não sei explicar, mas é algo que lembra...

— A infância, as férias na roça, a casa de vó. — Ele completou a minha fala. — Amo essa cozinha.

— É, isso aí mesmo. — Passei a mão em uma parede que era toda feita de pedras. — Isso deve ter dado um trabalhão para fazer.

PERIGOSAS ACHERON

Ele apenas riu. As tábuas largas de madeira do assoalho, os armários de madeira antiga e as painéis penduradas davam um ar ainda mais rústico ao espaço. Puxei uma cadeira e me sentei diante de uma mesa retangular bem grande.

— Notei que sua casa não é grande, mas possui uma sala e cozinha bem espaçosos. — Parei admirando um comprido banco de madeira encostado em uma parede. — Recebe muitos amigos aqui?

— Não apenas amigos, a família é bem grande. — Serviu duas xícaras de café coado à moda antiga. — O almoço vai demorar um pouco e você deve estar com fome. Quer um pedaço de bolo?

— Se for sentar e comer comigo, aceito sim.

Ele foi até um dos armários e trouxe um pequeno cesto de palha com pão e uma travessa de vidro com um bolo de fubá.

— Definitivamente isso aqui é mesmo uma casa de
PERIGOSAS ACHERON

vó.

Antes de sentar, ele foi até a parede onde estava o banco de madeira e abriu a grossa cortina, permitindo que eu admirasse um quintal tão lindo quanto o canteiro à frente da casa.

— Nossa, você está se saindo melhor que os mocinhos dos livros, vai por mim.

— Não exagere, os mocinhos dos livros oferecem muito mais que livros e café.

— Ah, isso é verdade, eles geralmente embebedam as parceiras, mas também, com nomes de vinhos tão chiques, até eu iria querer experimentar.

— Se quiser, posso te embebedar também. — Arqueou as sobrancelhas de forma descontraída e ao mesmo tempo, sedutora. — Tenho uns vinhos deliciosos guardados por aí.

— Nossa, está destruindo a sua imagem de mocinho, mas aceito o vinho sim, só que mais
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tarde. — Ele ficou sério de repente. — O que houve, falei algo de errado?

— Não, é que você é linda e, quando sorri, ilumina qualquer ambiente. — Olhou-me profunda e carinhosamente.

— Nossa, você acabou de me convidar a ficar e já está me assustando — Ri tentando levar o comentário dele na brincadeira. — Falando nisso, onde eu posso tomar um banho. Não quero voltar fedida para casa.

— Você não vai ficar? — Pareceu ter ficado decepcionado com a minha recusa ao seu convite. — Eu só estou brincando com você. Não sobre o “linda”, isso é real, mas sobre te embriagar, eu jamais...

— Não é nada disso, mas não acho correto dormir na casa de um estranho. Vou dar trabalho, tirar a sua privacidade e além do quê, a gente mal se conhece.

PERIGOSAS ACHERON

— Olha, por que não sobe, toma um banho e depois conversamos sobre isso? — Apontou para o teto forrado com madeira. — Aqui em cima tem um quarto de hóspedes.

Eu realmente precisava de um banho. Terminei o café, comi o bolo e pedi para que pegasse a minha mochila que estava dentro de seu carro.

Enquanto ele saiu para pegar as minhas coisas, eu descobri onde ficava a escada que me levaria ao quarto de hóspede.

Entre a sala e a cozinha havia uma parede coberta com prateleiras cheias de livros. Atrás da parede, em um espaço bem pequeno, havia uma espécie de corredor que continha uma escada estreita.

Subi e vistoriei o ambiente. Era pequeno, porém muito organizado. Dois criados mudos ladeavam uma cama de paletes bem baixa, uma cômoda larga, um armário embutido de duas portas e uma arara compunham a decoração do quarto. Próximo a uma janela havia uma rede armada. O quarto era

PERIGOSAS ACHERON

simples e aconchegante, eu poderia escrever uma linda história de amor naquela casa.

— Oi, já vi que encontrou o quarto. — Alberto ficou parado na porta com a mochila nas mãos. — O banheiro é logo ali. — Apontou para uma das portas do armário.

— Desculpe-me ter invadido, quando dei por mim, já estava aqui.

— Ah, sem problemas! — Entregou-me a mochila. — Tenho que sair, problemas no trabalho para resolver. A minha diarista já está chegando, se precisar de alguma coisa, pode pedir a ela. Eu volto com o almoço, assim que possível.

Ele partiu e eu fui até o banheiro e me delicieei com um banho bem demorado. Lavei os cabelos e a água quente me fez perceber o quanto eu estava cansada. O cheiro de lavanda também estava impregnado naquele cômodo.

Peguei duas toalhas e enrolei uma delas nos cabelos

PERIGOSAS ACHERON

antes de sair do banheiro. Vasculhei a mochila em busca de uma peça confortável, já que havia trazido poucas roupas e, pensando no frio, dei preferência as mais pesadas.

Em meio a uma calça jeans, algumas camisetas e dois vestidos eu encontrei um conjunto de calça e blusão de moletom, era o meu pijama de frio. Era o mais confortável para vestir dentro de casa. Coloquei uma camiseta de Cotton bem justa que me possibilitou livrar-me do incômodo sutiã e descii as escadas à procura de um livro.

Será que ele se importaria se eu pegasse um de seus livros? Não sou habituada a ter essa liberdade na casa dos outros. E se sumisse alguma coisa e ele desconfiasse justo da estranha? Achei melhor não ficar perambulando pelos cômodos sem que ele estivesse presente e assim que ele retornasse para casa, iria pegar as minhas coisas e seguir direto para o aeroporto.

Subi os degraus em posse de “A sombra e o vento” nas mãos. Assim que abri a cortina do quarto, fui

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

presenteada por uma visão magnífica do quintal. Percebi que era a continuação do jardim da casa, mas ali havia uma mesa e dois bancos imensos de madeira, uma churrasqueira ao fundo e uma cobertura onde funcionava a área de serviço. Era tudo tão simples, mas tão bem cuidado e cheio de acabamentos que pensei no amor empregado na construção de tudo aquilo ali.

Abri a janela só um pouquinho, não queria ficar doente com o clima frio que imperava naquele dia. Ajeitei a toalha na cabeça e deitei-me na rede com o livro nas mãos. Estava me sentindo muito à vontade, mesmo sabendo que não me encontrava em minha casa. Degustei as primeiras palavras de Zafón e senti meus olhos pesarem do cansaço e de uma noite mal dormida.

Eu estava só, numa cidade grande e desconhecida, na casa de um estranho lindo e que mais parecia um príncipe saído dos livros. A sua imagem foi a minha última recordação antes de fechar os olhos e ceder aos caprichos do meu sono.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 5

Alberto

Demorei mais tempo do que gostaria. Assim que consegui sair do trabalho, parei num restaurante que ficava no mesmo passeio da padaria e comprei o nosso almoço. Não sabia do que ela gostava, mas não tinha como perguntar porque acabamos não trocando os números de telefone.

Tânia havia me ligado avisando que havia limpado tudo e que iria embora mais cedo com medo da chuva prendê-la em algum lugar. A minha diarista era desconfiada e logo me alertou sobre ter deixado uma estranha sozinha dentro de casa, mesmo com “aquela cara de boazinha”, como ela mesma se referiu a Laura.

Cheguei em casa e fui acolhido pelo silêncio do meu lar. Coloquei o almoço sobre a bancada e arrumei a mesa para dois. Há quanto tempo eu não fazia isso? Daniela já não aparecia em minha casa um pouco antes de terminarmos, mas eu adorava

PERIGOSAS NACIONAIS

servi-la, principalmente quando era eu quem cozinhava.

Amo a minha casa, o meu sossego e os meus livros, mas a Dani estava entediada com o nosso relacionamento, eu percebia isso e não sabia como conquistá-la porque, pelo visto, ela queria alguém muito diferente de mim.

Confesso que poderia tê-la ouvido e tentado algumas coisas, mas no momento eu só pensei na comodidade de nosso relacionamento, eu confesso que gostava de como estava.

Nos últimos meses ela mudou drasticamente e sugeriu que a gente curtisse mais a noite. Eu até tentei agradá-la, mas ela queria sempre mais e se dizia insatisfeita.

Há pouco mais de dois meses, no dia de seu aniversário, ela bebeu bastante e confessou que queria que eu fosse como o personagem de um livro. Abriu o aplicativo e me fez ler algumas coisas, principalmente as partes mais picantes.

PERIGOSAS ACHERON

Eu me revoltei com aquilo, principalmente quando ela sugeriu praticarmos uma *menáge* como a que o casal fez. Nunca que eu dividiria a minha mulher com outra pessoa. Podem me chamar de arcaico, mas nunca de covarde como ela me insultou quando eu me neguei a isso. Aproveitei que ela caiu em sono profundo depois do excesso de bebida, e fui ler o tal livro.

Era uma história de amor muito bonita, mas muito longe de minha realidade. Nunca imaginei que Dani quisesse viver aquilo, nunca imaginei que fizesse falta para ela. Fiquei arrasado ao perceber que a minha namorada não queria viver coisas diferentes e sim recriar as transas vividas pelo casal.

Sem saber, eu fui jogado no meio de uma encenação mentirosa. Fizemos quase todas as loucuras descritas pelo casal do livro: viajamos para os mesmos lugares, realizamos algumas daquelas fantasias. Cedi às vontades dela, assim como o casal do livro, mas era a forma deles

PERIGOSAS ACHERON

demonstrarem amor um pelo outro. Eu tinha a minha própria forma de amar e não era por agir diferente que haveria de ser o pior homem da face da terra.

Terminei a leitura e confesso que apesar de admirar a escrita da autora, não concordava quando ela induzia as suas leitoras a abrirem mão de seus casamentos caso não fosse exatamente como elas queriam.

Imaginei uma mulher amarga e frustrada no amor, só alguém assim é capaz de induzir o fim de um casamento ou namoro. Nenhum relacionamento é perfeito, todos tem seus altos e baixos, mas não é por qualquer motivo que se termina uma vida a dois.

Achei-a muito irresponsável ao aconselhar as suas leitoras a saírem fazendo só o que tinham vontade, a experimentar tudo e todos antes de encontrar o seu par ideal.

Não existe o homem ou mulher perfeitos, existe a
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

combinação entre os dois e o quanto cada um está disposto a ceder.

Poucos dias depois do aniversário da Dani, nós demos um tempo, mas já sabia que era só uma forma de nos despedirmos gradualmente.

Há alguns dias atrás ela me procurou e terminou definitivamente comigo. Acho que foi a melhor coisa a ser feita, ela já não era a mesma e o nosso relacionamento não poderia ser pautado numa história de ficção.

Naquela noite eu saí com o meu irmão, bebi e acabei contando sobre o livro e a autora. A megera da Lady Laura foi o assunto da noite.

Não sei em que momento nem como começou, mas acabamos sentados numa mesa de bar, compartilhando a leitura do mesmo *ebook*. Meu irmão lia as falas do marido em voz alta, acabei remendando as falas da esposa. Até plateia nós tínhamos, foi uma espécie uma novela mexicana erótica.

PERIGOSAS ACHERON

Então, hoje pela manhã, quase uma semana depois, a autora do livro apareceu em meu trabalho e só ali eu percebi que havia feito merda. Provavelmente devo ter excluído o livro dela e nem me lembro.

Fiquei olhando para ela enquanto se explicava e a sua expressão de tristeza me tirou o chão. Nunca fui um crápula, nunca destruí o sonho de ninguém. Tinha que consertar o estrago que eu havia feito.

Espantei as lembranças para longe e subi a escada com o intuito de chamá-la para almoçar. Nem precisei bater na porta, pois já estava aberta. Ela estava dormindo na rede, nem de longe era a megera que eu imaginei.

Era linda, doce, inteligente e muito carismática. A toalha, que provavelmente fora usada para enxugar os cabelos, estava presa aos seus longos fios escuros, o restante estava se arrastando pelo chão. Uma das pernas pendia para fora da rede, a outra estava dobrada, o calcanhar tocando em sua virilha. Era uma cena muito sensual, mas aquela mulher

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

estava longe de meu alcance já que eu era o vilão da sua história.

Com muito cuidado, eu tirei o livro que estava sobre o seu peito e o coloquei sobre a cômoda. Por mais que a achasse linda e eu tivesse falhado muito feio com ela, não tinha livro meu que merecesse ser castigado com a baba que escorria de sua boca. Ela estava sem sutiã e pude perceber que o frio a consumia. Fechei a janela e abri o armário em busca de um cobertor.

— Oi. — Olhos sonolentos se abriram para mim quando o cobertor tocou em sua pele.

— Desculpe-me, imaginei que pudesse estar com frio e fui te cobrir.

Ela correu e colocou as mãos frente ao busto, percebendo de onde tirei a minha dedução. Resolvi descer para deixá-la mais à vontade.

— Te espero lá embaixo para a gente almoçar.

PERIGOSAS ACHERON

— Obrigada! Já, já eu desço.

Nem havia chegado ao meio da escada quando ouvi a sirene soar.

— Olá, boa tarde, seu Rui Alberto de Castro Melo?

— Era o carteiro com uma encomenda.

— Shiu, fala baixo! — implorei olhando para trás.

— É que tem gente dormindo.

— Desculpe-me, senhor. — O carteiro me olhou desconfiado. — Assina aqui, por favor?

Assinei e o liberei o mais rápido possível. Fui até a mesa do escritório e ao colocar a correspondência junto com as outras, percebi que todas estavam com o meu nome completo. Não iria mentir para ela o tempo todo, mas precisaria esconder as coisas até tomar coragem para pedir desculpas.

Conferi as revistas e vi que todas tinham apenas R. Alberto de Castro no nome. Corri para o meu quarto e levei as correspondências e a encomenda

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que havia acabado de chegar. Não poderia mais deixá-la sozinha em casa, mas também não poderia deixar o meu pai na mão com a padaria.

Chegamos juntos na cozinha, ela havia colocado um casaco de moletom sobre a camiseta e havia fechado o zíper até próximo ao pescoço. Calçava pantufa do panda e eu me diverti ao olhar os seus pés.

— Nunca imaginei que escritoras de *hot* calçavam pantufas, ainda mais tão engraçadas assim.

— Até tentei colocar o meu salto quinze, mas ele prendeu no chicote na hora que fui descer a escada, acabei desistindo. — Arqueou as sobrancelhas de maneira divertida. — E o que vamos almoçar, algum sanduíche ou pão recheado?

— Okay, eu mereci essa. — Peguei as duas vasilhas e as destampeei. — Como não sabia do que você gostava, eu trouxe dois pratos, agora, se não gostar dos dois, eu preparo algo pra você.

PERIGOSAS ACHERON

— Não precisa, sério, eu como de tudo o que você imaginar. — Olhou para as vasilhas e aprovou o que viu. — Posso pegar um pouco de cada?

— Ah, que bom! Amo mulher que come. — Fiquei levemente sem jeito, com medo de ser mal interpretado. — Desculpe-me, não tô dando em cima de você, jamais daria, okay?

— Jamais? — perguntou em tom jocoso. — Assim você me ofende!

Rimos juntos e terminamos o almoço em um clima muito agradável. Eu a conhecia há poucas horas, mas parecia ser uma amizade de infância. Eu lavei os pratos e depois fomos para a sala. Ela já não havia mais falado sobre voltar para casa, torci para que tivesse mudado de ideia.

— Gosta de licor? — ofereci enquanto me servia de um licor de cacau. — Combina bem com esse friozinho e, segundo meu pai, é digestivo.

— Acho que o seu pai era amigo do meu e como os
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

dois pensavam parecido, acho que vou aceitar sim.

Enquanto eu a servia, ela observava cada canto da casa. Era muito curiosa e acho que talvez isso a fizesse escrever.

— Me fala um pouco de você.

— Estava demorando para querer me conhecer. — Você já sabe que eu escrevo e o porquê, mas não sei nada de você além do fato de que trabalha numa padaria.

Entreguei o seu cálice e nos encaminhamos para o sofá. Acho que ela merecia me conhecer um pouco, até para saber que não sou nenhum crápula, fui apenas levado pela raiva e bebedeira, eu acho.

— Já passei dos charmosos trinta e cinco anos, sou formado em design de interiores e paisagismo, trabalho na padaria para ajudar o meu pai que, no momento, está viajando para conhecer o primeiro neto.

PERIGOSAS ACHERON

— Olha, que coisa linda! Quer dizer então que é tio. É pai também? — Levantou-se do sofá. — Ai, meu Deus! Eu nem perguntei se era casado e já me acomodei em sua casa. Falando nisso, melhor eu arrumar as minhas coisas.

— Não sou pai, apesar de sonhar muito com isso, e nem sou casado, calma. — Queria muito que ela ficasse, sentia que devia algo a ela. — Fica só por uma noite, por favor! Juro que não vou encostar na porta do seu quarto.

Ela cogitou se deveria ou não, andou de um lado ao outro e roeu as unhas antes de responder:

— Tá, só por uma noite. Amanhã, pego o primeiro voo e retorno para casa. — Voltou a sentar-se no sofá. — Voltando a falar sobre você, é o responsável pela decoração da padaria? É muito linda!

— Sim. A decoração da padaria, da minha casa e o jardim que viu lá no canteiro também.

— Você é muito talentoso, parabéns! — Parecia ter

mais perguntas. — Seu pai tem a padaria há muito tempo?

— Sim, ele trabalhou lá a vida toda, começou quando ainda não existiam leis e nem fiscalização sobre o trabalho infantil. — Levantei-me e nos servi de mais licor. — Quando o dono faleceu, deixou tudo para ele, mas era um negócio bem pequeno.

— E como conseguiu transformar naquela coisa linda que é hoje?

— A custo de muito trabalho e talento. Minha mãe tinha um pequeno sebo ao lado da padaria, os dois se conheceram e se apaixonaram. — Percebi o quanto ela se comoveu com a história dos meus pais.

— Minha mãe fez faculdade de arquitetura, foi ela quem projetou tudo do jeito que é hoje e eu fiz os retoques. Os dois juntaram as trouxas e os espaços. Entre um filho e outro, trabalhando de dia e estudando de noite, eles foram construindo a PERIGOSAS ACHERON

padaria dos sonhos deles.

— Olha que história mais linda! Isso dá um romance, sabia?

— Você conseguiria escrever sobre algo tão simples e doce? — Não resisti a alfinetá-la. — Não imagino minha mãe tomando chicotadas de meu pai, muito menos os dois frequentando uma casa de *swing*.

— Nem eu! — Ela ficou vermelha ao responder. — Jamais frequentaria um lugar desses, pesquisei muito para escrever.

— Mas você encorajava as mulheres a fazerem isso. Não se sente uma mentirosa?

Ela despejou todo o conteúdo do cálice de vez na boca. Acho que não sou o único mentiroso dessa história.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 6

Alberto

Eu olhei para ela enquanto se engasgava com o licor e pela ligeireza com que o entornou, eu me perguntei sobre o que mais ela mentia. A Dani acreditou naquilo tudo e não passou de uma farsa. Nosso namoro terminou porque ela queria copiar uma mentira.

— Eu não sou mentirosa, apenas dou o que as pessoas querem — tentou se explicar diante de meu olhar inquisidor. — Eu criei uma história linda, fofa, mas a minha amiga, que foi quem me apresentou a *SonhoDigital*, me disse que ninguém iria ler a minha história sem graça.

— Então você acha que os relacionamentos tradicionais são sem graça e criou um que ludibriasse as pessoas, só para ser lida? — Me indignei com aquilo.

— Não é isso, é que não conhecia a plataforma e

quando comecei a ler outros romances, também achei que a minha história fosse muito normal, sabe?

— O que tem de errado com o normal? — Estava começando a achar que ela era uma picareta da literatura. — O que você conhece de fato de tudo o que escreveu?

Ela ficou parada me olhando, percebi o pânico tomar conta de sua expressão. Ela não havia feito nada do que estava em seu livro.

— Você não fez nada daquilo, não é?

— Mas eu nunca disse que tinha feito. — Senti que ela estava envergonhada por admitir que não vivia grandes aventuras sexuais.

— Mas, indiretamente, induzia as leitoras a fazerem. — Quando li o livro, percebi que o problema não era a história e sim o diálogo entre as leitoras e a escritora. Muitas mulheres se queixavam da vida conjugal e sexual, claro que elas

PERIGOSAS ACHERON

devem ter os seus motivos, mas Laura sempre as incentivava a abandonar os relacionamentos ao sinal do mínimo desgaste.

— Você acha que as pessoas que escrevem sobre assassinato saem por aí matando pessoas? — Colocou as mãos na cintura, demonstrando razão. — Acha que os escritores estejam incentivando pessoas a cometer crimes?

Ela estava completamente certa, eu ainda estava magoado com o fim do meu namoro, mas me revoltava por saber que ela escrevia sobre o que nem acreditava. Ela se jogou no sofá, estava aparentemente destruída.

— Você tem razão, eu sou uma fraude!

Comecei a sentir pena da criatura, até eu já havia feito algumas cenas daquele livro.

— Calma, não é para tanto.

— Eu só queria que as leitoras fossem felizes como

PERIGOSAS ACHERON

eu não fui, entende?

Claro que entendia. Enquanto estava na padaria, havia entrado na plataforma e lido a carta que ela publicou. O seu casamento parece ter sido um dos motivos para ela escrever o que escrevia. O que ela chama de cura, eu via mais como uma fuga da realidade. Pelo fato de ter vivido um relacionamento abusivo, ela criou um mundo de ilusões, onde tudo era perfeito e cheio de tesão.

Não era um escritor, não criava mundos paralelos, mas queria oferecer um pouco da realidade que ela tanto sonhava. Quem sabe assim ela até não conseguiria reescrever a sua história?

— Você criou uma história que deixou as suas leitoras felizes e eu vou tentar fazer o mesmo por você. — Olhei para a sua roupa de moletom. — Tem algum vestido de noite?

— Não, não vim aqui a passeio, lembra?

— Pronto, pode fuçar aquele armário e usar o que
PERIGOSAS ACHERON

quiser, a minha irmã sempre vem aqui com uma mala e acaba deixando alguma coisa. — Direcionei-me à escada que dava em meu quarto. — Vou terminar um projeto que tenho prazo para entregar e mais tarde nós vamos sair. Vou te apresentar um dos cenários do seu livro para você.

Um sorriso largo tomou conta do seu rosto e irradiou por todo o ambiente. Ela era uma mulher muito linda, mas naquele momento parecia uma adolescente indo para o seu primeiro encontro.

Eu não entendia como um sentimento de culpa podia afetar tanto alguém, porque só isso poderia me fazer ir adiante com aquilo. Eu fui terrível com ela, mas iria compensar de alguma forma.

Passava das vinte horas quando terminei o meu trabalho. Liguei para o mesmo restaurante citado na história e consegui uma reserva. Não era poderoso como o CEO do livro dela, mas tinha um amigo

que era gerente do local.

Saí do quarto arrumado para sair, aproveitei que ela ainda não havia descido e guardei o projeto na gaveta do escritório. Senti um aroma floral amadeirado no ar e virei-me de frente, batendo os olhos numa mulher que conseguiu ficar ainda mais linda.

— Não tô muito arrumada? — perguntou tentando esticar a barra do vestido. — E parece um pouco curto para o meu gosto.

— Está perfeita. — Estendi a minha mão para ela. — Vamos, ainda é cedo, mas quero ir com calma para que você possa apreciar o trajeto e ver se ele coincide com as descrições que fez em seu livro.

Ela cruzou o seu braço no meu e fomos até o carro estacionado na calçada. Olhei para ele e agradei por ter deixado no lava jato enquanto trabalhava, nem havia sinal de terra ou qualquer outro resquício das plantas que eu carregava de vez em quando.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não tenho uma *limusine*, mas espero que o meu carro cumpra a função de nos levar sãos e salvos até o nosso destino.

— Você é muito bobo, sabia? — Ela sorriu e se acomodou colocando o cinto. — Posso saber aonde vamos?

— Surpresa, mas acho que vai gostar, já que partiu de sua cabecinha criativa levar o seu fictício casal perfeito para esse local.

Ela parecia tensa, escreveu sobre alguns lugares que nem eu mesmo ousei frequentar e estava com receio de que eu a levasse lá. Posso parecer mau, mas mantive o suspense até o fim. Sua expressão foi suavizando ao passo que observava a noite e se encantava com a iluminação da cidade e das casas noturnas. Dirigi bem devagar para que ela sentisse todas as sensações ao passar por cada lugar.

— Pronto, chegamos! — Ela colocou a cabeça para fora e conferiu o letreiro do restaurante.

PERIGOSAS ACHERON

— Ufa!

— O que foi, achou que te levaria aonde? —
perguntei já sabendo a resposta.

Ela não me respondeu, ficou rubra e desceu do
carro apressadamente, praticamente corri para
alcançá-la e entrarmos juntos no restaurante.

— Obrigada! — Deu-me a mão e apoiou a cabeça
em meu ombro. — Esse foi o restaurante onde eles
se conheceram e foi aqui também que eles
resolveram comemorar os sete anos de casados.

— Eu sei, achei bom começar a nossa aventura por
aqui.

Ela parou e virou-se de frente para mim. Tinha algo
que estava incomodando-a, vi isso em sua
expressão.

— Até quando vai negar que leu o meu livro? —
inquiriu sem rodeios. — Rui não deve ter detalhado
PERIGOSAS ACHERON

tanto assim.

Eu não poderia continuar mentindo para ela, pelo menos não sobre tudo. Estava planejando contar quem eu era assim que terminássemos o *tour* vivo pelo seu livro.

— Tá, de tanto o Rui falar e encher o saco, eu li sim, mas não vai me achar fútil por isso.

— Você acha que minhas leitoras são fúteis?

— Não foi isso o que quis dizer, mas é um livro meio feminino, não? Tá até classificado assim lá na plataforma.

—Alberto! E aí, cara? — Meu amigo Miguel, gerente do restaurante, me salvou daquela conversa embaraçosa. — Vamos que sua mesa já está prontinha esperando por vocês.

Nos abraçamos, fiz as devidas apresentações e depois nos encaminhamos para a nossa mesa. Laura estava feliz e se abria em um sorriso iluminado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Fiquei feliz em proporcionar isso a ela.

— Então, o que faz por estas bandas? A última vez que apareceu por aqui foi antes do aniversário...

Pigarreei mostrando o quanto estava sendo inconveniente. Laura mal havia sentado e já se levantou, pedindo licença.

— Preciso fazer uma coisa, rapidinho. — Olhou para Miguel e ficou com vergonha, falou tão baixo que eu praticamente fiz leitura labial. — Pode pedir aquela bebida do livro pra mim?

Miguel não entendeu nada, mas afastou-se chamando o *sommelier*.

— Tenho que trabalhar agora, amigo. Hoje é sexta-feira e é bem movimentado por aqui. — Olhou para Laura que se afastava em direção ao toalete. — Gostei dela. Quem é?

— É uma amiga nova.

PERIGOSAS ACHERON

— Hum, sei. — Deu um tapa camarada em meu ombro. — Bom ver que está seguindo em frente. Tenham um bom jantar.

Ele se afastou e o *sommelier* apareceu com as opções de vinho. Não precisei olhar muito para encontrar o que a Laura queria. Acho que as escritoras pesquisam na internet qual o vinho mais caro e o citam na história, só pode. A bebida nem era tão boa assim, mas se era para recriar a cena, que a fizéssemos direito. A minha retratação iria sair onerosa. Fiz o pedido e logo depois a Laura chegou.

— Isso aqui é mais lindo do que nas fotos. — Sentou-se olhando encantada para os lados. — Precisa ver o banheiro disso aqui, é coisa de gente muito fina.

— Bom saber que está gostando. — Lembrei do vinho caro e pensei que valia a pena pagar para ter aquele sorriso.

— Eu tô amando, mas a conta não vai sair muito PERIGOSAS ACHERON

cara? — O seu vinho chegou e paramos de conversar enquanto ela estava sendo servida. — Não acredito que realmente vou provar esse vinho.

A garrafa foi colocada na mesa, eu agradei ao garçom e o dispensei logo depois. Fiquei encantado olhando para aquela mulher tão natural e ao mesmo tempo tão bela. Algo despertou dentro de mim e eu tratei de afugentar os pensamentos impróprios. Percebi que a bebida não a agradou tanto assim, mas ela tentou disfarçar. Ri discretamente da cena.

— Então, gostou do vinho? — Segurei o cardápio, cobrindo o meu rosto e escondendo o riso frouxo que insistia em grudar em meu rosto.

— Tá bom, não é tudo o que imaginei, mas deve ser o meu paladar que não está acostumado a coisas tão caras. — Mesmo não tendo aprovado, ela continuou bebendo todo o líquido.

— Acho melhor pedirmos algo para comer ou você vai ficar bêbada desse jeito. — Olhei o cardápio atentamente e escolhi o meu prato. — Já escolheu o

PERIGOSAS ACHERON

que vai querer?

— Confesso que não. Acho que vou querer o mesmo que você.

Fiz os pedidos e engatamos uma conversa agradável sobre as belezas do lugar, enquanto ela se fartava com mais uma taça de vinho, que foi seguida de mais outras. Laura estava mais descontraída e seu ar de menina ia ficando cada vez mais sensual.

— Preciso ir ao banheiro, com licença. —
Levantou-se e saiu, novamente.

Fiquei a pensar o que as mulheres tanto faziam no banheiro, mas do jeito que ela bebeu e o quanto estava soltinha, deve ter ido lavar o rosto para se acalmar. Mal concluí os meus pensamentos e ela retornou, sentando e enchendo outra taça.

— Você não vai me ajudar a tomar o vinho?

— Ah, não tenho motorista como o mocinho de sua
PERIGOSAS ACHERON

história, mas fique à vontade, a noite é sua. — Dei uma piscadinha safada em sua direção e ela corou.

Laura estava radiante, solta e exalando sensualidade. Eu teria que ser muito forte para não cair em tentação. Tinha uma vontade louca de beijar aquela boca linda, que quando sorria de canto, me enlouquecia.

— Opa! — Tomei um susto ao sentir um pé alisando a minha canela e olhei para a sua cara de pura safadeza. — Você está consciente do que está fazendo?

Ela não respondeu, mas continuou subindo o pé até a minha coxa e só aí eu me dei conta de que ela estava reproduzindo a cena do livro. Aquela mulher era louca, mas eu estava amando participar dessa aventura com ela. Enquanto não fizéssemos sexo só para interpretar o casal do livro, por mim tudo bem.

Lembrei que a primeira fantasia do casal foi jantar no restaurante onde se conheceram e depois ele ficaria sob a mesa, fazendo sexo oral nela. Por mais

PERIGOSAS ACHERON

que tivesse vontade de me perder entre as suas pernas, jamais faria aquilo só para ela testar as suas teorias.

— Você foi até o banheiro tirar a calcinha, não foi?
— Ela afirmou com um movimento de cabeça. — Por mais que tenha vontade de repetir aquela cena, eu não vou fazer isso, Laura! Tenho brio e não sou um ratinho de laboratório.

Ela desceu o pé bruscamente de minha coxa. Acho que o meu comentário a irritou, mas não podia deixar levar aquilo adiante. Suas mãos foram direto para a garrafa e outra taça de vinho se encheu.

— Você não gostou? Nem um pouquinho? Eu só queria me sentir livre e despudorada como ela se sentiu. Foi só uma brincadeira, mil desculpas. — Laura ficou mais vermelha que as flores que ornamentavam a nossa mesa. — Você realmente tem vontade de me chupar?

Aquela pergunta me pegou de surpresa, mas agora ela iria pensar que eu só a olhei com outros olhos,
PERIGOSAS ACHERON

desde o momento em que nos vimos.

— Não leve o meu comentário a mal, não sou nenhum pervertido. — Tentei explicar da forma mais sincera e direta possível. — Você é uma mulher linda e esse vestido a deixou ainda mais sensual. Quando colocou os pés sedutoramente em minha coxa, queria que eu te visse como?

Ela não respondeu, mas assentiu concordando com tudo o que eu dizia. Sua taça já estava vazia, de novo. Eu não queria ser chato, mas tinha que começar a freá-la.

— Você tem o hábito de beber? — Apontei para a taça vazia entre os seus dedos. — Se bebe assim algo que não é tão bom, fico imaginando o que faria com a bebida que gostasse — falei de uma forma bem-humorada.

Nós rimos e o clima tenso foi desfeito. Eu ficava encantado com cada sorriso que ela dava e aquilo já estava me preocupando. Eu a conhecia há poucas horas, mas sentia como se a conhece desde sempre.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Notei algo estranho em sua fisionomia.

— Tudo bem? — Ela segurou as mãos cobrindo a boca e saiu correndo em direção ao toalete.

Acho que a noite, assim como o vinho, não foi tão agradável quanto em seu livro, pelo menos para ela. Chamei o garçom e pedi que arrumasse os nossos pedidos para viagem, com certeza ela não teria mais condições de ficar no restaurante. Fui até o toalete atrás dela.

— Quer ajuda? — perguntei elevando a voz do lado de fora.

Ela não respondeu, mas também não demorou a sair. O cabelo despenteado entregava que havia enterrado a cabeça no vaso. Ela era uma graça, mesmo estando levemente alterada.

— Vamos. — Eu a segurei pela cintura, andando ao seu lado. — Acho que nosso jantar chique vai virar uma bela quentinha.

PERIGOSAS ACHERON

— A vida real é tão sem graça, não é mesmo? —
Fez um biquinho ao falar e eu me perdi no contorno
de sua boca.

— Não tô achando nada sem graça, amo os
imprevistos. Eles nos mostram o quanto somos
humanos e imperfeitos.

— Você é perfeito, sabia? — Parou virando-se de
frente e alisou o meu rosto, abrindo um pouco os
lábios, de uma forma muito provocativa. — Que
boca linda!

Tive que buscar forças e discernimento para não
beijá-la e estava ficando cada vez mais difícil. Ela
não estava em seu juízo perfeito.

— Acho que já tá ficando com a visão deturpada,
não está me enxergando direito. — Ajudei-a a
sentar-se antes de ir pagar a conta. — Toma essa
água e me espera, já, já eu volto.

Depois de despedir-me de Miguel, levei-a até o
carro agradecendo a Deus por ter manobrista, assim
PERIGOSAS ACHERON

não tive que andar muito com ela, que já se apoiava em mim. Coloquei o seu cinto, dei uma leve inclinada no banco e deixei o vidro aberto para que ela sentisse o ar fresco em seu rosto.

O vento bagunçava os seus cabelos, tornando a sua beleza mais selvagem. Voltei o olhar para a pista, mas me distraí quando sua cabeça pendeu para o lado e bateu de vez sobre o meu ombro. Ela havia dormido e pude reparar que, ao se mexer, seu vestido subira exibindo o começo de suas coxas.

Lembrei que ela estava sem calcinha, então puxei o tecido para baixo o quanto pude e voltei a atenção para a pista. Respirei fundo, passei as mãos nos cabelos e acelerei para chegar logo em casa. Minha calça, de repente, ficou mais apertada. A pulsação entre minhas coxas mostrava-me o quanto aquela mulher mexia comigo.

Assim que estacionei, carreguei-a até o sofá e apoiei a sua cabeça em uma almofada. Eu a cobri com uma manta, coloquei o jantar sobre a mesa e corri para o meu quarto, precisava de um banho frio

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

com urgência. Passar duas semanas ao lado dessa mulher seria como morrer de sede em frente ao mar. Ajude-me, Djavan.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 7

Lady Laura

Acordei com a boca seca, a língua pegando no céu da boca e um gosto ruim e amargo incomodando o meu paladar. Assim que levantei, senti a cabeça pesar e uma leve tontura me fez voltar para o sofá.

As memórias da noite anterior começaram a chegar e uma vergonha sem tamanho se apossou de mim. Puxei o cobertor até o pescoço e tentei me esconder, só não sabia de quê. Estava com fome e sentia a minha bexiga tão pesada quanto a cabeça. Corri para o lavabo que fica embaixo da escada que dava no quarto de hóspedes.

— Mas que droga! — Só agora eu me dei conta de que estava sem calcinha.

Mil coisas passaram pela minha cabeça: será que ele viu o que deveria estar coberto pela calcinha? Será que fiz algo mais além de roçar a minha perna nele? A última coisa que me lembro é de sentir uma

vontade louca de beijar aquela boca bem desenhada.

Lavei as mãos e fiquei com medo de encontrá-lo na porta, mas tinha que sair dali. Pé ante pé eu voltei até a sala e peguei a minha bolsa antes de subir a escada. Tomei um banho quente e novamente vesti o conjunto de moletom. Teria que providenciar algo mais para vestir já que estava pensando em ficar mais alguns dias.

Apesar de estar com fome, não tive coragem de descer novamente. Tomei um antiácido para combater o incômodo causado pela bebida e aproveitei o friozinho para voltar a dormir. Já passava das três da manhã, em breve teria que encarar o dono da casa. Orei e pedi aos céus para que eu não tivesse feito nenhuma merda além das que eu me lembrava.

Um cheiro bom de café exalou por todo o quarto. O
PERIGOSAS ACHERON

relógio do criado mudo marcava cinco e meia. Eu era acostumada a acordar cedo. Munida do último fio de coragem que ainda me restava, puxei um lenço comprido da bolsa, amarrei o cabelo num rabo de cavalo e respirei fundo antes de descer a escada.

Não o vi na sala, então fui para a cozinha. Ele também não estava, mas havia um bilhete apoiado na garrafa térmica que estava sobre a mesa.

"Querida Lady Laura, espero que se alimente bem pois dormiu com fome. Se precisar de analgésico ou antiácido, vai encontrar na primeira gaveta do armário da cozinha. Estou na padaria caso precise de mim. Estarei de volta perto da hora do almoço. Observação: não se preocupe com a noite de ontem, foi um imprevisto maravilhoso. Se quiser, pode escolher o próximo capítulo que iremos visitar hoje à noite.

Ass: Alberto."

Que bilhete mais fofo! O cara era gato, sabia tratar
PERIGOSAS ACHERON

bem uma mulher, era gentil, cozinhou e ainda por cima era um doce mentiroso. Servi-me de café, torradas e bolo. Enquanto me alimentava, pensei nas loucuras do casal dos sete anos. Hoje eu queria algo mais tranquilo e acho que não encontraria nesse livro.

Lembrei-me de meus rabiscos do livro original e isso me fez ter uma ideia sobre o que faríamos hoje. Levantei-me e lavei os pratos, depois fui até o quarto e tomei um banho antes de sair. Ele havia deixado uma cópia da chave para meu uso.

Lembrava de ter visto um mercado no caminho para a casa dele. Fui a pé, não era longe e fiz umas compras para a nossa segunda noite de ficção. Minha mãe sempre dizia que não existia melhor pedido de desculpas que um belo prato de comida e uma boa chave de coxas.

Infelizmente, eu não teria direito à segunda opção, se bem que adoraria ser encoxada por aquele pedaço de mau caminho. Nunca fui afoita diante de nenhum homem, até porque casei cedo, mas só em

PERIGOSAS ACHERON

pensar em Alberto, o vértice entre minhas coxas se contraía e começava a pulsar.

Assim que cheguei tratei a carne e a coloquei para marinar. “Homem gosta é de carne, nada de prato enfeitadinho. Tem que fazer volume, encher os olhos e a barriga”. Se ela estava certa ou não, eu não sei, mas resolvi seguir os conselhos de quem me colocou no mundo e viveu mais que eu.

Coloquei o lombo temperado escondido em um cantinho do *freezer* e preparei um empadão de frango para o almoço, depois fui para o escritório dele e peguei o meu inseparável caderno de rabiscos para escrever um pouco.

Ele apareceu em casa só depois das duas, disse que a padaria enchia aos sábados porque muitas pessoas trocavam o almoço por um lanche rápido e, enquanto o seu pai estivesse ausente, ele teria que ficar gerenciando o lugar.

— Eu não quero te atrapalhar, não quero que fique receoso por me deixar sozinha. Estou bem até

PERIGOSAS ACHERON

demaís. — Eu realmente me sentia bem em sua casa, na sua presença.

— Eu saí com tanta pressa que esqueci de trazer o almoço, vou ligar para um restaurante e peço algo pra você, não posso esperar porque tenho que voltar logo.

— Eu fiz almoço pra gente. — Não sei porque, mas a minha fala soou muito pessoal. — Fiz pra mim, mas se quiser.

Ele parou com as mãos na cintura e ficou me olhando com um leve sorriso no rosto.

— Fez *pra* você ou *pra* gente? — perguntou-me em tom de deboche e ficou me olhando, aguardando uma resposta.

— Fiz para mim e para você também.

— *Pra* gente, então. — Riu e se aproximou um pouco demais para o meu gosto. — Não tô pensando nada, não acho que está me pedindo em
PERIGOSAS ACHERON

casamento por cozinhar para a gente. Fique tranquila.

— Desculpe-me, é que é estranho estar na sua casa e me sentir tão à vontade a ponto de querer cozinhar para você.

— Então fez *pra* mim mesmo? — Sorriu de canto e se aproximou de mim a ponto de sentir o seu hálito.

Devo ter ficado rubra, mas não quis fazer render a conversa e adiantei os passos até a cozinha. Ele me seguiu e abriu o maior sorriso ao ver a mesa posta e um empadão douradinho sobre a travessa redonda.

— Nossa, que prato mais lindo! — Olhou-me agradecido. — Já posso me servir?

— Sinta-se em casa.

Ele riu e sentou-se servindo os nossos pratos. A nossa conversa fluíu com facilidade e entre um elogio e outro, um pedaço e mais outro, ele deixou a mesa com apenas metade do empadão sobre ela.

— Tenho mesmo que ir, adoraria passar a tarde com você. — Até ele achou que aquilo soou íntimo demais. — Melhor eu ir.

— É, até. — Nos despedimos com dois beijinhos no rosto e isso bastou para eu me sentir excitada.

Depois que ele saiu, fui até a rede para ler um pouco e acabei cochilando. Acordei ao sentir um beijo casto sobre os meus lábios. Seu hálito era refrescante e morninho, sua língua macia roçava na pequena abertura pedindo passagem e quando eu abri a boca de vez, senti uma rajada de vento frio entrando com toda a força.

— Ainda bem que foi apenas um sonho — falei em voz alta para ver se meu juízo escutava.

Desci as escadas e dei continuidade ao jantar. Precisava me desculpar por fazer ele sair e gastar dinheiro só para realizar um desejo de uma estranha. Coloquei o lombo na panela de pressão, preparei uma salada de folhas, um purê de batatas e

PERIGOSAS ACHERON

fiz um arroz soltinho. Desliguei a panela e esperei que a pressão saísse.

Eu não era muito aplicada na cozinha, sabia fazer apenas alguns pratos, lombo de porco ao molho madeira era uma de minhas especialidades. Assim que consegui abrir a panela e conferir o cozimento da carne, fatiei-a sobre uma tábua de carne e coloquei numa travessa, levando ao forno. Preparei uma sobremesa e depois fui para um banho, eu cheirava a comida.

Saí do quarto usando um longo vestido florido que encontrei em minha mochila, nem lembrava de tê-lo colocado lá. Era simples, leve e um com um enorme decote nas costas, mas os meus cabelos compridos não me permitiam sentir frio, mesmo com a forte chuva que desabava lá fora.

— Que tempinho maluco o dessa cidade. — Tinha hábito de às vezes falar sozinha.

Já havia escurecido e a chuva começou a ficar mais intensa. Lembrei dos constantes alagamentos que via nos jornais e me preocupei com a integridade de

PERIGOSAS ACHERON

Alberto. Será que estava bem?

Um raio seguido de um forte trovão deixou a casa às escuras.

— Claro que tinha que faltar energia.

Eu amava chuva, mas tinha pânico de raio. Acendi a lanterna do celular e corri para a cozinha. Desliguei o forno, que pelo tempo já tinha gratinado a carne, e corri atrás de velas. Estava de joelhos no chão quando ouvi a porta da sala batendo.

— Alberto, é você?

— Oi, sou eu, sim. — O som de sua voz foi se aproximando da cozinha. — Se estiver procurando velas, está debaixo da pia, primeira prateleira.

Eu já estava abaixada sob a pia. Encontrei uma caixa de acrílico transparente contendo velas, fósforos e copinhos. Ao levantar o rosto e dar de cara com ele, molhado e sem camisa, perdi o ar e

PERIGOSAS ACHERON

não tive forças para levantar. Sua mão foi estendida em minha direção e eu aceitei a ajuda.

— Ainda bem que voltou. — Tentei desviar o olhar de seu peitoral, mas o desejo era latente. Ele segurou em meu queixo e me fez olhar para ele.

— Está tudo bem? — Olhou-me de cima a baixo e parou em meu decote, depois voltou ao meu rosto. — Está muito linda, mas acho que qualquer que seja o seu plano, não vai dar para sair com esse temporal.

— Havia planejado algo aqui mesmo. — Alisei o vestido me sentindo uma boba por ter me arrumado. — Estou muito arrumada para ficar em casa, *né?*

— Está maravilhosa, mas vai ter que se contentar com apenas um par de olhos para te admirar.

— E que olhos! Brincadeira, desculpe-me. — Eu estava dando bandeira, mas o cara era gostoso além da conta. — Acho que um par já é suficiente.

O clima de sedução pairava no ar, mas não podíamos ter nada. Eu iria embora e ele parecia estar escondendo algo, talvez uma namorada. Um raio rompeu o silêncio e eu me joguei contra ele.

— Desculpe-me, quase te derrubei. — Afastei-me.
— Acho melhor acender umas velas e você, corre para um banho antes que pegue um resfriado.

Ele demorou a me soltar, apertou-me contra ele e colocou os seus lábios a centímetros dos meus. Soltei-me e dei as costas, saindo da cozinha. Mas que diabos estava acontecendo? Éramos estranhos compartilhando o mesmo teto e brincando de casinha, aquilo não estava dando certo, mas eu queria correr o risco. Enquanto eu distribuía as velas pelos copinhos, ele passou por mim e subiu para o seu quarto.

Eu acendi algumas velas pela sala e fiz uma trilha pelos cômodos que encontrava ao longo do caminho até a cozinha, coloquei os pratos e talheres sobre a mesa e voltei à sala, sentando-me no sofá.

PERIGOSAS ACHERON

Havia planejado um jantar romântico como o que eu havia escrito na primeira versão de meu romance, mas não contava com a falta de energia.

Ele demorou para descer e alguns trovões voltaram a me assustar. Dobrei os meus joelhos e os abracei, tentando aplacar o medo. Encontrei um *iPod* sobre a mesinha de canto e o liguei, enfiando os dois fones em meus ouvidos e aumentando o volume numa tentativa de fugir dos rugidos dos raios.

A voz de Jason Mraz ecoou até o meu coração. Conhecia aquela música e era apaixonada pelo cantor. Era recheado de sentimentos sobre os altos e baixos do amor. Deixei-me levar pela melodia de *A Beautiful Mess* e só abri os olhos quando senti um cheiro de sabonete bem perto de mim.

Ele estava lá, parado, me olhando e talvez, não propositadamente, conquistando o meu coração. Usava uma calça de tecido leve na cor bege e uma camiseta de malha azul marinho. Ele se abaixou e delicadamente me puxou pela mão, eu simplesmente me deixei ir. Nossos corpos se

PERIGOSAS ACHERON

encaixaram e sua mão foi até a minha orelha, roubando um dos fones para si. Entre raios e trovões nós dançávamos juntos à luz das velas. Em que merda eu fui me meter?

Suas mãos ásperas tateavam as minhas costas nuas e senti cada pelo se eriçando diante daquele toque despretensioso, sutil, porém muito excitante. Dançamos uma, duas músicas, talvez um álbum inteiro, não sei precisar, pois parece que o tempo parou, que o mundo parou e só restava nós dois sobre a terra.

— Gostando das músicas? — sussurrou em meu ouvido com uma voz estava carregada de tesão.

— Aham.

Seu rosto roçou no meu e eu senti um bolo se formando em minha garganta. Algo fervia dentro de minha barriga e eu entrei em pânico por imaginar que ele pudesse me beijar. Quando uma de suas mãos segurou a minha nuca e seus dedos penetraram em meus cabelos, eu senti que estava

PERIGOSAS ACHERON

perto de viver um momento mágico. Ele me olhou intensamente e aproximou-se dos meus lábios, mas um barulho estranho soou na cozinha e as luzes da sala se acenderam.

— Que susto. — Não consegui pensar em nada mais inteligente para dizer. — Acho melhor irmos jantar.

Afastei-me e ele ficou parado no meio da sala ajeitando o gancho da calça. Chamei-o com as mãos e ele resolveu me seguir. Arrumei a mesa com a travessa que tirei do forno. Peguei os complementos que estavam sobre o fogão e fui à geladeira pegar a salada, mas queria mesmo era esfriar um pouco o meu corpo que parecia querer incendiar.

— Nossa, você está querendo que eu te prenda aqui em casa e não te liberte nunca mais? — Levantou o papel alumínio que cobria a travessa e aspirou o aroma da carne.

— Iria me devolver quando enjoasse de comer
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

empadão e lombo. — Voltei para a mesa e me sentei.

— Duvido que fosse ficar enjoado. — Concentrou o olhar sobre mim e cheguei a duvidar que estivesse se referindo à comida.

Nosso jantar transcorreu em meio a elogios sobre os meus dotes culinários, o seu bom gosto musical e alguns assuntos banais. Adorava conversar banalidades com ele.

— É incrível como novamente nada saiu como eu havia planejado — comentei enquanto ia até a geladeira pegar a sobremesa. — Devo ser uma escritora fajuta.

— Deve ser porque aqui é vida real. Você não está representando um personagem, está escrevendo a sua própria história.

— Mas por que está tão legal? — Sentei-me, nos servindo. — Está parecendo que é ficção.

PERIGOSAS ACHERON

— Você está precisando enxergar mais as belezas da vida, dona Laura. — Olhou-me de maneira doce.

Encarei-o, refletindo sobre o que disse e ponderei que talvez ele estivesse certo. Por mais que a minha vida tenha seguido por caminhos não planejados, eu tive bons momentos e sofri apenas com as escolhas que fiz e com o que não tive coragem de abrir mão. Eu escrevi uma história ruim para mim e estava tendo uma chance de reescrevê-la.

Depois do jantar, ele lavou a louça e voltamos para a sala a fim de ouvir mais músicas. Quando ele fez menção de apagar as velas, eu o detive e fui até o interruptor para apagar a luz. Peguei novamente o *iPod* e voltamos a compartilhar o fone, só que, dessa vez, estávamos sentados lado a lado no sofá e a minha cabeça se apoiava em seu ombro.

Senti a firmeza de sua musculatura e o cheiro de frescor que exalava de sua pele. Sem pensar muito, eu virei-me de frente para ele e me aproximei, clamando por um beijo. Ele parecia ter dúvidas, mas quando eu me aproximei um pouco mais, fui

PERIGOSAS ACHERON

puxada pela nuca e recepcionada por um beijo intenso e muito molhado.

Foi melhor do que em meu sonho, melhor do que todos os beijos que lia nos livros, foi real e foi direcionado a mim e não a nenhum outro personagem. Sua língua quentinha e granulosa passeava pela minha boca, senti os meus lábios sendo puxados como se fosse uma fruta succulenta.

Ele me soltou e passou os dedos sobre o meu rosto, eu senti que a sua respiração estava alterada e a pulsação em seu pescoço era evidente. Eu também estava ofegante e aos poucos fui me recuperando desse momento lindo e intenso. Peguei o fone que havia se soltado durante o nosso amasso e coloquei-o novamente em meu ouvido. Eu me virei de lado e ele puxou a minha cabeça de encontro ao seu peito.

— Você é especial, Lady Laura. — Acariciou os meus cabelos e, enquanto ouvia *Details In The Fabric*, eu observava as chamas das velas desaparecerem em meio à cera derretida.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 8

Alberto

Eu estava caidinho por ela, mas não poderia me aproveitar da situação. Não poderia ficar com ela, mesmo que fosse por uma noite, não enquanto ainda estivesse escondendo algo dela. Apesar de não ter resistido aos seus beijos, consegui me segurar e não ir adiante.

Já estava quase amanhecendo e ela ainda dormia sobre o sofá. Eu já havia tomado um banho frio, mas ainda estava doido para tê-la em minha cama ou onde ela determinasse e sentisse vontade.

Hoje à noite eu a levaria a um dos lugares frequentados pelo casal de seu livro. Eu precisava saber se a vida que ela queria era realmente a da sua personagem ou não.

Antes de ir para a cozinha eu parei para admirá-la mais uma vez. Ela estava deitada de bruços. Seus cabelos, assim como um dos braços, caíam do sofá

PERIGOSAS NACIONAIS

e se apoiava no tapete. Minha sala nunca esteve tão bonita.

Meu coração saiu do compasso e minhas entranhas clamaram por carícias. Essa mulher nasceu para me deixar maluco. Primeiro, enfeitiçou a Dani com sua escrita e agora faz o mesmo comigo.

Ela se mexeu e eu resolvi sair dali e preparar logo o nosso café. Eu estava me sentindo um adolescente. Ansiedade e medo me definiam. Não podia ficar com ela enquanto não revelasse a minha identidade, mas perderia as minhas chances de conquistá-la se assim o fizesse.

— Oi. — Ela entrou na cozinha, tirando-me dos meus devaneios. — Bom dia!

— Bom dia! — Ela evitou olhar em meus olhos. — Dormiu bem?

— Sim, o seu sofá é bem confortável, mas acho que talvez eu já deva voltar a dormir em minha cama.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Parei o que estava fazendo e a encarei, mas ela deu-me as costas e foi até a porta dos fundos, abrindo-a e andando descalça sobre a grama úmida enquanto segurava parte do tecido do vestido para que ele não arrastasse no chão. Eu só poderia estar apaixonado por achar essa cena *sexy*.

Ela foi até o banco e passou uma das mãos sobre a superfície, retirando o excesso de água e sentando-se.

— Podemos tomar café aqui? — Olhou-me com um ar pidão e duvido que alguém conseguisse dizer não a ela.

— Por que não?

Providenciei uma toalha para a mesa e servi o nosso café. Cada vez que trazia a caneca de capuccino até a boca, eu aproveitava para olhá-la, mas o clima estava tenso entre nós.

— Me desculpe por ontem — falei por fim. — Eu não devia ter te beijado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu praticamente o obriguei, a culpa foi minha.

— Eu não faço nada que não queira. — Se ela soubesse que eu queria muito mais.

— Então porque está pedindo desculpas por algo que nós dois queríamos?

— Porque mal nos conhecemos e você está em minha casa, devo tratar bem os meus hóspedes.

— Não se preocupe, me senti bem tratada. — Encerrou a conversa enchendo a boca de ovos mexidos. — Seus ovos são uma delícia.

Acho que os nós dois levamos o seu comentário para o duplo sentido porque o nosso café terminou com a mesa suja após uma chuva de cappuccino e ovos. Rimos feito duas crianças baderneiras e, como tal, deixamos a mesa.

— Desculpe-me, estraguei o nosso café. — Ela falava ainda entre gargalhadas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tudo bem, há tempos que não tinha um café da manhã tão... inusitado.

Comecei a arrumar a bagunça e ela me ajudou. Em pouco tempo, a mesa estava tão limpa como a encontramos. Tentamos não tocar em nenhum assunto embaraçoso durante o dia. Eu fui trabalhar em meu escritório enquanto ela lia no sofá. Tinha um projeto para entregar em poucos dias.

Entre um rabisco e outro, eu a observava. A luz que entrava pela janela refletia em seus fios escuros e a deixava encantadoramente linda. Queria ter aquela visão todos os dias.

Almoçamos a sobra do jantar do dia anterior e depois resolvemos assistir um filme. Pipoca, brigadeiro de colher e almofadas sobre o tapete foi o nosso cenário diante de “Cidade dos anjos”. Laura chorou e eu lhe ofereci lenços de papel, mas a vontade era de colocá-la no colo e acariciá-la enquanto lambia as suas lágrimas e enchia o seu rosto de beijos.

PERIGOSAS ACHERON

Ela pareceu ler os meus pensamentos e virou-se de frente para mim. Ficamos deitados de lado sobre o tapete enquanto travamos uma luta de olhares. Eu não poderia beijá-la novamente, mas estava ficando cada vez mais difícil resistir. Resolvi quebrar o silêncio.

— Lembra que vamos sair hoje à noite? — Ela pareceu empolgada com a ideia.

— É? — Mordeu o canto do lábio inferior. — E aonde vai me levar?

— Vou te levar em mais um dos lugares visitados pelo casal.

— Mas não pode adiantar ou dar uma pista? — A curiosidade a consumia, mas eu sabia ser cruel quando queria.

— Tá, só uma dica: acho que quer ir a esse lugar mais do que em qualquer outro. — Ela me olhou assustada e eu tive certeza que ela sabia aonde
PERIGOSAS ACHERON

iríamos.

A tensão tomou conta de seu rosto, senti que engoliu em seco e não sei decifrar se sua expressão era de medo ou euforia. Ela levantou-se indo em direção ao quarto e eu voltei para o meu trabalho.

Terminei o projeto e, quando olhei para o relógio, já passava das oito da noite. Eu fechei a minha pasta e fui em direção à escada do seu quarto. Pisei no primeiro degrau e desisti de subir.

— Já estou indo me arrumar — gritei ao pé da escada. — Já pode começar a se aprontar também.

Eu tinha certeza que ela me ouviu, se não quisesse ir, teria dito, esperei e nada. Entendi que aquele silêncio era um sim, então, dirigi-me ao meu quarto e, depois de um banho demorado, vesti uma roupa confortável. Antes de descer, ponderei se deveria ou não usar aquele perfume.

— Se está na chuva, que se molhe então. — Borrifei algumas gotas pelo corpo e desci para
PERIGOSAS ACHERON

encontrá-la.

Eu não estava preparado para o que vi. Laura estava em pé diante da mesa de bebidas e trajava um justo vestido que delineava todas as suas curvas. Apesar das mangas longas e comprimento logo acima dos joelhos, estava *sexy* como uma passagem para o inferno. Nem a trança lateral manteve o ar de menina, um mulherão tomou conta da situação.

— Vamos? — Entornou toda a bebida que estava em seu copo, pegou a bolsa e virou-se em direção à porta, exibindo um zíper que começava no meio de suas costas e descia até as coxas.

Eu corri na sua frente para abrir a porta. Ela parou e aspirou o meu perfume, senti os lampejos do seu olhar. A vontade de beijá-la era enorme, mas eu me segurei mais uma vez. Diacho de consciência dos infernos!

O trajeto ocorreu no mais absoluto silêncio. Eu não ousei quebrá-lo porque estava tão tenso quanto ela.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O nosso destino era um pouco mais distante que o da última vez, mas, assim que paramos, ela olhou para o letreiro e puxou o ar com toda a força, segurando a minha mão.

— Eu só vim porque era com você. Não me deixe entrar só, por favor! — Percebi o pânico em seu tom de voz.

— Não é o tipo de lugar que costumo frequentar ou imagino ficar à vontade. — Eu nem estava querendo entrar com ela. — Quer voltar?

— Não, eu preciso disso. Por favor, sem você eu não consigo. — Apertou a minha mão. — Só precisa estar lá e tomar conta de mim, só te peço isso.

Parei e me compadeci do seu pânico, só não sei se conseguiria vê-la sendo tocada por outro, mas ela precisava viver essa experiência, precisava descobrir os seus limites e até onde iria o seu desejo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tudo bem. — Respirei fundo e concordei.

Ela piscou os olhos e soltou o ar em uma clara demonstração de alívio, depois me agradeceu com um beijo no rosto. Descemos do carro e andamos devagar até a entrada. Eu havia pesquisado na internet e essa era uma das mais conceituadas. Não tinha ideia da quantidade de casas desse tipo em uma única cidade.

— Tem certeza que quer entrar?

— Sim, preciso matar essa curiosidade. — Segurou a minha mão e pressionou-a a ponto de doer um pouco. — Tudo bem pra você?

— Tudo. — Menti, só queria satisfazê-la. — A gente só vai conhecer, ninguém é obrigado a fazer nada que não queira, então...

— Tá...— Entramos depois de apresentarmos as identidades e guardar o aparelho de celular que é proibido nesses lugares.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Entramos num ambiente que mais se assemelhava a uma boate. Pessoas dançavam ao som de uma música sensual e sob uma intensa luz negra. Algumas mulheres seminuas faziam peripécias nos postes de *pole dance* espalhados pelo amplo salão de paredes rosa escuro.

Fui até o bar e, apesar de saber que estava dirigindo, não resisti a pedir uma bebida. Laura, que não desgrudava da minha mão, também bebeu comigo. Depois de dois drinks, ela estava mais soltinha e me puxou para dançar.

Colamos os nossos corpos e dançamos ao ritmo da música. Aos poucos, eu senti que a tensão dela foi diminuindo e nem se abalou quando viu uma mulher de *topless* dançando com dois homens.

As pessoas pareciam muito à vontade e não se importavam muito com a presença de ninguém. Ao trocarem a música, o trio que dançava ao nosso lado se afastou e Laura não tirava os olhos deles, até que desapareceram em um corredor.

PERIGOSAS ACHERON

— Você quer ir atrás deles? — Ela olhou para mim, depois desviou o olhar para a entrada onde eles desapareceram e balançou a cabeça afirmativamente.

Silenciosamente, seguimos pelo mesmo caminho que eles e nos deparamos com uma espécie de corredor que era entrecortado por várias cabines temáticas. Seguimos andando e, em um dos quartos sem porta, estava a mulher e os dois homens.

Senti a pulsação de Laura acelerar ao observar a cena. A mulher, agora completamente nua, estava encostada na parede tendo o seu sexo chupado por um dos homens enquanto o outro sugava um dos seios. A cena era extremamente excitante.

Olhei para Laura e ela não se mexia, mas respirava e suava como se ali estivesse muito quente. Ela não desgrudou o olhar do trio e apesar de sentir o quanto estava excitada, consegui sentir também o seu receio.

Quando um dos homens penetrou a mulher pela

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

frente e o outro se posicionou em suas costas, abrindo as suas nádegas, Laura apertou a minha mão e me olhou pedindo socorro.

— Me tire daqui, por favor.

Quando estávamos saindo, um terceiro homem entrou no quarto e encarou Laura, ela me olhou assustada e eu apenas balancei a cabeça negativamente, sinalizando que não queríamos nada. Ela ainda virou-se para trás e encarou a mulher que a olhava com desejo. Depois disso, nós saímos sem olhar para mais nada até chegarmos do lado de fora.

— Tudo bem? — Acaricieei as suas costas e senti o quanto ela estava trêmula.

Laura virou-se de frente para mim e se aproximou o suficiente para que eu perdesse todo o meu discernimento. Nossos corpos grudaram, assim como nossas bocas, e só me dei conta do que aconteceria quando a vi prensada entre a parede e o meu corpo.

PERIGOSAS ACHERON

O beijo foi muito mais intenso do que o da noite anterior. Ela queria tanto quanto eu e confesso que, por um momento, eu agi apenas por instinto, esquecendo tudo o que meu subconsciente me alertou sobre contar a verdade primeiro.

Desci beijando a curva de seu pescoço, doido para chegar em seus seios e me faltar em sua maciez. Laura estava fervendo de tesão, era impossível resistir, ainda mais que eu a desejava desde o dia em que chegou.

— É melhor vocês entrarem ou irem para casa, aqui na porta, não é o lugar. — Um segurança do local nos repreendeu.

Laura tentou se recompor, morta de vergonha. Ela se afastou da portaria em direção ao estacionamento e eu a segui. Entramos no carro e eu dei partida, chegando em casa na maior pressa.

Assim que a porta se fechou atrás de nós, um silêncio se estabeleceu e nada precisou ser dito,
PERIGOSAS ACHERON

fomos guiados apenas pelos nossos desejos. Laura virou-se de costas e eu, delicadamente, descí o zíper de seu vestido, excitando-me ainda mais ao ver a sua bunda numa minúscula calcinha branca.

Ela não usava sutiã, então, quando o seu vestido alcançou o chão, minhas mãos se fecharam em concha em volta de suas pequenas montanhas de prazer e eu pude, enfim, sentir a firmeza de sua pele perfumada e macia.

Distribuí beijos molhados desde a sua nuca até o fim da coluna, ajoelhando-me e me perdendo em suas curvas enquanto escorregava a calcinha por suas pernas. Laura apoiava as duas mãos na porta e empinava o bumbum, levando-me à loucura.

Eu a virei de frente e pude sentir o seu perfume, inebriando-me com o cheiro que exalava do meio de suas pernas. Era cheiro de mulher, era o cheiro do prenúncio do prazer, era um convite à luxúria. Abri as suas pernas e me enfiei entre elas, sugando toda a umidade que anunciava o quanto ansiava por me ter dentro de si.

— Ah... ah... arrrrg... — Laura gemeu alto e tremeu, perdendo o equilíbrio.

Levantei-me e, enquanto varria o seu corpo com o meu olhar, comecei a me despir. Primeiro tirei a camisa e vi o quanto Laura ficou excitada e foi descendo o olhar até o cóis de minha calça, que eu fiz questão de retirar junto com a cueca, ficando nu em pelo em sua frente.

Eu a desejava e não escondia isso, estava pronto para preenchê-la a qualquer momento. Fui até a mesa de canto e peguei uma camisinha dentro de uma pequena caixa de madeira, vesti uma proteção e, quando me virei em direção à porta, Laura já estava bem próxima a mim.

Laura empurrou-me numa cadeira e abraçou as minhas pernas com as suas encaixando-se em meu pênis, revestindo-o com uma camada quente e úmida, pressionando-o com vontade de me levar ao céu ou, talvez, ao inferno. Ela beijou-me com intensidade, sua língua duelava com a minha e os

PERIGOSAS ACHERON

dois se beneficiavam nessa batalha. Ouvia apenas os nossos gemidos, o barulho da nossa umidade se misturando diante de cada choque. Ela contraía a sua musculatura, pressionando o meu membro e eu não pude aguentar por muito tempo.

— Lau... ah... ah... ra... — Gozei sentindo que o corpo dela vibrava na mesma sintonia que o meu.

Acaricieei as suas costas enquanto sua cabeça escondia-se na curva do meu pescoço. Sua pele macia se eriçava diante do meu toque, sua respiração desacelerou e aos poucos o seu rosto foi saindo do esconderijo e mostrando-se para mim.

Ela estava linda, sua trança bagunçada ainda pendia para um dos lados, mas alguns fios soltos enfeitavam o seu rosto feliz e satisfeito. Subi uma das minhas mãos até a sua nuca e a trouxe para mim, beijando-a calidamente.

— Obrigada! — Foi a primeira coisa que ela falou depois de tudo o que vivemos. — Não teria conseguido ir até aquele lugar sem você.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu que agradeço. — Desci dando beijinhos em todo o seu colo e voltei a encará-la. — Você me fez viver uma coisa única e impensada.

Voltamos a nos beijar e eu senti que havia acabado de entrar numa grande enrascada. Eu estava de quatro por uma mulher que chegou na cidade querendo o meu fígado e que, possivelmente, iria embora com a mesma vontade quando descobrisse a minha pequena mentira.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 9

Lady Laura

Acordei e enquanto estava sentada no sofá, fiquei imaginando como ele me veria a partir de agora. Eu levantei enrolada em um lençol e fui até o quarto que eu ocupava para tomar banho e me trocar. Confesso que encontrar um bilhete na cabeceira, pedindo desculpas por ter que sair cedo, me deixou mais aliviada.

Depois de um banho e de um delicioso café, que ele deixou pronto para mim, eu resolvi escrever. Sem computador, tive que aderir ao caderno e depois ao celular. Peguei os meus rascunhos da história original, quando ainda era um romance fofinho e não aquele fogo todo com o CEO, e resolvi reescrevê-la.

Percebi que a minha escrita não tinha que copiar a de ninguém, mas tinha que ter a minha cara, a minha marca. Antes estava melosa demais e depois ficou muito fora da realidade, o ideal seria a junção

dos dois mundos, então, partindo dessa premissa, comecei a reescrever a minha história.

Algumas horas depois, os primeiros capítulos estavam prontos. Parei para fazer o nosso almoço e me dei conta, mais uma vez, de que não estava em minha casa. Eu não tinha mais a pretensão de reviver o que havia escrito, portanto, não precisava mais ficar na casa dele, mas estava tão bom que eu disse a mim mesma que seria só por mais alguns dias e depois voltaria para o meu cantinho.

Entretida com a música alta e com as panelas sobre o fogão, eu nem percebi quando ele entrou em casa, até se encostar em mim e beijar o alto de minha cabeça.

— Oi. — Suas mãos apertaram a minha cintura, pressionando-me contra si.

— Quer me matar de susto? — Virei-me de frente, recepcionando-o com um beijo.

— De susto não, mas de prazer, bem que eu
PERIGOSAS ACHERON

gostaria.

Afastei-me dele e fui colocar a mesa. Ele percebeu que havia algo errado e franziu o cenho me olhando, quase suplicando por uma explicação.

— Você acha que a gente está fazendo algo de errado? — Eu estava gostando daquela situação muito mais do que deveria e tinha medo de me apaixonar e ir embora com mais problemas do que quando cheguei. — A gente sabe que isso não é mais uma cópia da ficção. Você sabe disso, não é?

Ele recostou o corpo na pia, ao lado do fogão, e cruzou os braços me olhando sem dizer nada. Não sei o que se passava em sua cabeça, não sei se pensava como eu ou se estava apenas se divertindo com uma estranha que cozinhava para ele.

— Não, não vejo nada de errado no que estamos fazendo. — Afastou-se da pia e veio até mim, tomando os pratos de minha mão e colocando-os sobre a mesa, para depois puxar-me para um abraço caloroso. — Do que você tem medo, Laura?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu tinha medo de me apaixonar, mas não poderia dizer isso a ele e acabar me passando por uma garota boba que se apaixona por alguém em tão poucos dias. Isso não existe no mundo real.

— Não sei, só acho isso tudo muito estranho, só isso.

— Pare de pensar no que é estranho e no que é normal, apenas viva um dia de cada vez e aproveite cada momento. — Afastou-se de mim e me encarou com olhos escuros tão meigos. — Se o que a gente está vivendo está te fazendo mal, eu vou entender que queira parar, mas não é o que sinto quando estamos juntos.

Eu não me sentia mal, pelo contrário, queria que aquilo não tivesse fim, era isso o que tanto me preocupava. A nossa aventura tinha data de validade e meu coração já se comprimia só de pensar nisso. A nossa conversa acabou no sofá e o almoço virou jantar, já que ele tinha que ir trabalhar.

PERIGOSAS ACHERON

Assim os dias foram passando. Ele preparava o meu café, porque eu não tinha ânimo de acordar tão cedo quanto ele, ainda mais depois de noites intensas e regadas a sexo. Eu preparava o nosso almoço, porque sentia um prazer imenso em cozinhar para ele. Nosso jantar geralmente era trazido da rua, porque ele adorava ficar em casa durante a semana, confesso que eu também amava isso.

Enquanto ele estava fora, eu aproveitava para escrever pela manhã e saía às tardes para conhecer alguns lugares. Em uma dessas saídas, comprei algumas peças básicas de roupas, já havia abusado muito do armário da irmã dele. À noite, enquanto ele trabalhava em seus projetos, eu escrevia mais um pouco.

Num piscar de olhos, já era sábado de novo e eu estava com o livro quase completo. Nunca pensei que pudesse escrever tão rápido, mas não me faltava inspiração. Lembrei que teria apenas mais uma semana naquela casa e em breve voltaria para PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

a minha rotina dos últimos anos, mas queria mesmo era a dos últimos dias.

Eu havia cochilado no sofá, acho que ele já tinha o formato do meu corpo, quando Alberto chegou em casa e, todo eufórico, me convidou para acampar.

— Mas aonde nós vamos?

— Tem um lugar aqui pertinho, cerca de meia hora de viagem, passamos o sábado e voltamos no domingo. O que acha?

— Você já planejou tudo, não foi? — Apostava que até já tinha comida no carro.

— Eu só queria te mostrar como seria meu ideal de fim de semana a dois, mas podemos seguir o roteiro do livro se você preferir.

Não gostei dele fazer menção ao livro, não depois de termos passado a semana inteira juntos. Isso só me lembrava o porquê de ainda estar em sua casa: era pelo nosso maldito trato.

PERIGOSAS ACHERON

— O que foi? Não gostou da ideia? — Tentou brincar e só piorou a situação. — Hum, tá querendo fazer mais uma safadeza do casalzinho da história, né?

Encarei-o taciturna, mas tenho que admitir que ele não tinha culpa por eu talvez nutrir algum sentimento por ele. Até quando me irritava, ele continuava lindo. Seu sorriso ao mencionar as safadezas do casal era contagiante.

— Não é nada disso, idiota. — Bati em seu ombro e segui para o meu quarto.

— Pode falar, depois da última aventura, não vou achar nada mal brincar de ficção. — Fez um gesto com a mão para o alto como se estivesse laçando um boi. — Será que agora vamos de chicotadas, hein?

— Nada disso, engraçadinho, vou fazer uma mochila e a gente vai para esse tal de acampamento. — Subi a escada enquanto falava
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

em voz alta. — Quero ver o seu romantismo ao lidar com o imprevisível de se dormir no meio do mato.

A viagem foi tranquila. Alberto estava bem soltinho e entre uma passagem e outra de marcha, sua mão deslizava por minha coxa esquerda. Passear ao seu lado enquanto contemplava aquela paisagem incrível, estava sendo maravilhoso. Essa cidade realmente escondia belezas e mistérios que internet nenhuma seria capaz de revelar.

Assim que chegamos eu fiquei extasiada com a quantidade de verde que nos rodeava. Me senti teletransportada para uma dessas florestas que víamos nos desenhos infantis. Alberto parecia um guia turístico me explicando a história do lugar. Na subida nós passamos por uma pousada e logo depois por um acampamento, mas antes de escolher onde iríamos ficar, ele queria que eu conhecesse o seu lugar preferido no mundo.

A voz de *Israel Kamakawiwo'ole* escapava pelo vidro aberto da janela do carro e se misturava ao
PERIGOSAS ACHERON

som dos cantos dos pássaros. Ao som de *Over The Rainbow* nós chegamos à parte mais alta daquele paraíso escondido e assim que desci do carro, me perdi na linda visão do vale logo abaixo de nós. Ainda bem que havia levado o meu caderno e caneta, aquele lugar inspirava uma belíssima cena.

— Trouxe colchão inflável, caso queria dormir olhando as estrelas; uma barraca de camping, caso tenha medo de mosquito. Ela é estreitinha, mas como tá frio, a gente se ajeita. — Piscou de forma cúmplice, já entregando o que faríamos no apertadinho. — Mas, se quiser dormir em uma cama, tem aquela pousada que te mostrei no caminho, a gente pode ir *pra* lá assim que você quiser.

— Vamos esperar escurecer e a gente decide até lá, tudo bem? — Estava com medo, mas muito curiosa para acampar. — Estou com fome, tem o quê para comer?

Como eu imaginei, Alberto já havia preparado tudo para o acampamento. Em um *cooler* havia um suco

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de garrafa, cervejas em lata e um vinho branco chileno. O gelo que os recobria ainda não havia derretido, mantendo as bebidas numa temperatura agradável. Numa sacola térmica havia muitos sanduíches naturais, queijo fatiado, salame e mortadela defumada, tudo com a etiqueta da Padaria e Lanchonete Pão Gostoso. Tinha comida para alimentar um batalhão.

— Vamos dar conta de comer isso tudo?

— Vamos gastar energia, linda, acho que nada disso se perderá. — Abriu duas cervejas e entregou-me uma. — Para acompanhar o nosso almoço.

Tirou uma vasilha térmica do fundo do carro e quando a abriu um cheiro delicioso se espalhou por conta do vento.

— Churrasco, amo! — Ele me entregou um garfo e compartilhamos a mesma vasilha, como fazia com minha irmã, nos raros passeios à praia. Pensar nela me fez ter saudades, éramos muito próximas.

PERIGOSAS ACHERON

Depois do almoço, deitamos sobre uma pedra e contemplamos a natureza lá embaixo. Estávamos numa parte bem alta, um pouco acima do *camping*, ele queria que víssemos o pôr do sol e nada melhor que naquela posição ali.

Apesar de algumas nuvens escuras que começavam a aparecer, o sol morno esquentava a minha pele e uma paz me invadiu. Sentia-me feliz ali, sentia-me feliz ao lado dele. Ele estava deitado de lado com a cabeça apoiada sobre uma das mãos e a outra jogada ao longo do corpo, mesmo olhando para o céu, senti que ele me fitava e isso excitou.

Tentava olhar para o horizonte usando uma das mãos para diminuir a luminosidade sobre os meus olhos, quando senti uma textura diferente sobre a minha pele. Sua mão subiu pela minha coxa, passou levemente por cima do tecido do meu short e se escondeu por dentro de minha camiseta, alcançando um dos seios.

Arfei com o seu toque e delirei quando ele subiu

PERIGOSAS ACHERON

em mim enquanto levantava a minha blusa até o meu pescoço e sugava um dos meus mamilos, depois o outro. Segurei a minha cabeça entre as mãos, enquanto ele descia e arrancava o meu *short*, levando junto a calcinha. Em um movimento rápido, ele desceu a calça de moletom que usava, vestiu uma camisinha, se colocou entre minhas pernas e me penetrou sem mais preliminares.

Não falávamos nada, apenas sentíamos o corpo um do outro. Minhas mãos conseguiram alcançar o seu bumbum e eu pude sentir a maciez de sua pele que contrastava com a dureza da pedra em minhas costas. Ele apoiou uma de suas mãos por baixo de minha cabeça, evitando que eu me machucasse. Fechei os olhos e senti o cheiro de mato, o frescor da brisa e o mormaço do sol. Todas essas sensações e os sons dos gemidos de Alberto me jogaram em um orgasmo rápido e intenso.

— Ah... ah... — Gemi alto e abri os olhos para ver o seu rosto e ter certeza que não vivia um sonho. Vi sua boca se abrir diante de um orgasmo tão intenso quanto o que eu sentia.

— Laura, ah...ah, minha Lady — sua voz rouca chamava por mim enquanto gozava.

Uma sensação indescritível tomou conta de mim. Ainda latejava de desejo quando o seu corpo caiu sobre o meu e eu pude contemplar o pôr do sol com ele ainda dentro de minhas entranhas.

Assim que nos recompomos e sentamo-nos, ele posicionou-se atrás de mim, abraçando o meu corpo, enquanto admiramos o crepúsculo. Não demorou muito para as nuvens escuras tomarem conta do céu, anunciando uma forte chuva. Pingos avulsos caíam sobre nós, fazendo-nos correr para a *caminhonete*

Mais rápido do que eu conseguiria, Alberto posicionou o emaranhado de lona na caçamba da caminhonete, esticou o *sleeping bag* e pronto. Uma Barraca suspensa e longe de cobras e insetos estava montada para nós dois. A danada era bem mais espaçosa do que Alberto me fez crer. Fechamos o carro e subimos para o nosso cantinho. Pelo visto, PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

não iríamos para pousada nenhuma, mas eu estava adorando aquele encontro romântico inusitado.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 10

Alberto

Ela dormia há quase duas horas, parecia um anjo, mas eu não consegui relaxar nem um pouco. Chovia muito lá fora e uma dor em meu peito não me permitia ter sossego. Eu estava sendo um crápula me aproveitando de sua ignorância, mas tinha certeza que estava gostando dela mais do que deveria.

Fui até o zíper e abri a lona, permitindo que o ar fresco entrasse no ambiente, não sei se eram as minhas angústias ou se estava realmente abafado, mas me sentia sufocado ali dentro.

Dobrei a perna da minha calça e sentei na borda da carroceria, molhando os meus pés. Era uma sensação maravilhosa! Minha mãe sempre dizia que nada melhor que água da chuva para lavar a nossa alma. Será?

Tirei toda a roupa, resolvi descer da carroceria e me

lavar de corpo inteiro. A chuva estava muito forte e em segundos eu fiquei totalmente encharcado. Amava banho de chuva, lembrava-me a infância, a inocência, a pureza que eu via no coração de Laura. Assim que voltássemos para casa, eu contaria tudo a ela.

— Essa chuva parece que não vai dar uma trégua, não é mesmo?

Eu me virei de frente para o carro e lá estava ela. Suas pernas nuas, já que vestia apenas um short, pendiam para fora da caminhonete, balançando e tomando pequenos respingos de chuva. Seus longos cabelos caíam sobre os ombros e o sorriso mais lindo desmanchou o meu coração e atijou o meu desejo.

— Não está sentindo calor? — Aproximei-me dela, envolvendo-a com os meus braços molhados.

— Ai, Alberto, está me molhando toda. — Soltou-se de meus braços e começou a esfregar-se com as suas próprias mãos.

— Está com frio? — perguntei olhando para os seus seios, mesmo sob a camisa, vi os bicos durinhos despontando através do tecido.

— Claro, né? Você me molhou!

— *Pera* que vou aquecê-la. — Levantei a sua camiseta e coloquei a minha cabeça dentro dela, sugando um seio de cada vez. Eles endureceram ainda mais em minha boca. Tirei a minha cabeça daquele lugar quentinho e a olhei nos olhos. — Passou o frio?

Laura parecia um anjo de tão linda, mas quando estava excitada me olhava com fome. Era uma mulher que gostava de sexo e transpirava sensualidade, acho que foi esse desejo escondido que a levou a escrever um romance erótico.

— Não, mas tá bom para começar. — Piscou para mim.

Se ela queria me enlouquecer, conseguiu. Mesmo
PERIGOSAS ACHERON

sob forte chuva, meu membro acordou para ela. Eu sempre estava pronto para satisfazê-la porque isso também me aprazia.

Tirei a sua blusa e senti seus pelos se arrepiando com o vento frio. Apoiei minhas mãos em seu quadril e ela o ergueu, facilitando a retirada do short. Então, afastei-me para vislumbrá-la e quase morri de tanto desejo.

— Que linda! — Sentada, nua, com as pernas levemente abertas e os seios cobertos pelos longos cabelos, era uma perfeita sereia, só faltava estar molhada.

Encostei em Laura e a puxei para um beijo, quando suas pernas contornaram o meu quadril, eu a carreguei para debaixo da chuva.

— Não, tá frio! — Ela colocou as pernas no chão, tentando correr para o quentinho.

Eu a segurei pelo pulso e enfiei a minha mão entre suas pernas, esfregando e lavando-a com a água da

PERIGOSAS ACHERON

chuva. Laura amoleceu diante do toque. Depois de um raio seguido de trovão, não quis mais mantê-la ali debaixo da chuva.

Laura correu para a barraca e pegou uma toalha dentro da mochila, enxugando-se o máximo que pôde.

Eu fui atrás dela e a arrastei pelos pés, colocando a minha cabeça entre as suas coxas. Suas mãos soltaram a toalha e espalmaram-se no chão da barraca apoiando o seu corpo que arqueava para trás, pedindo que eu avançasse um pouco mais.

Aproximei-me e aspirei o seu aroma, depois me enfiei em seu centro e passei a língua de leve, sentindo a textura molinha e o gosto levemente cítrico e salgado.

— Ah, Alberto! — Ela contraiu-se em minha boca, recebendo as minhas carícias e clamando por toques mais profundos.

Eu afundei ainda mais o meu rosto e, enquanto o

PERIGOSAS ACHERON

meu nariz friccionava o seu clitóris, minha língua perdia-se na escuridão de suas entranhas.

Laura debatia-se e dava murros no chão acolchoado da barraca. Minhas carícias foram demoradas e seus gemidos, abafados pela chuva que castigava a lona. Seu corpo vibrava com cada toque, cada passada de língua, cada contato era sentido e reverberado com gemidos e respirações ofegantes.

Quando percebi que ela estava prestes a gozar, saí do meio de suas pernas, peguei uma camisinha no bolso da calça e a penetrei, sem tirar o meu olhar do dela. Eu sentia que estávamos ligados de várias formas.

Ela rolou sobre mim, sentando em meu quadril e cavalgando em meu corpo. Eu me delicieei ao olhá-la dali, mas queria os seus seios em minha boca. Arrastei-me e impulsionei as mãos no chão até conseguir ficar sentado e fui logo atacando os seus seios. Um a um, eles iam sendo sugados, mordiscados e lambidos. Quando o seu olhar voltou a cruzar com o meu, senti algo que nunca havia

PERIGOSAS ACHERON

sentido antes.

Acho que ela também sentiu alguma coisa porque sua mão se enterrou em meus cabelos, puxando a minha cabeça até encostar as nossas testas. Eu senti sua respiração ofegante, o seu hálito quente clamando por meus beijos. Selamos nossos lábios e ficamos assim enquanto ela subia e descia em meu corpo e eu a envolvia em um abraço caloroso.

Nossos corpos estavam colados com o nosso abraço e naquele momento nós éramos um só. Tínhamos uma química maravilhosa e não queria que ela se desfizesse nunca. Sei que todos os corpos se encaixam, mas nem todos se complementam. Éramos o complemento um do outro. Não demorei a sentir o clímax se apossando de meu corpo.

— Eu vou gozar...ah...— Avisei ao sentir as vibrações irradiando por cada partícula nervosa e se concentrando em meu sexo latejante.

Ela acelerou os movimentos de sobe e desce, contraindo e relaxando a sua musculatura em torno

PERIGOSAS ACHERON

do meu sexo, levando-me à loucura.

— Vem, Alberto, ah... vem junto comigo. — Senti quando ela contraiu vezes seguidas a musculatura que me envolvia e me acompanhou num orgasmo maravilhoso.

— Ah...Laura! Delí...cia!

Ela ficou parada sobre mim, ainda sentia a sua pulsação me envolvendo. Permanecemos assim, em total silêncio, nenhum som além do barulho da chuva lá fora. Nossas mãos se tocaram, nossos dedos se cruzaram e sentimos a paz um do outro por um bom tempo, até que ela saiu de mim e sentou-se ao meu lado, observando a chuva que caía lá fora. Eu aproveitei para tirar a camisinha e jogá-la dentro de um saco de lixo.

— Você é maravilhosa, sabia? — Ela baixou os olhos, mas eu vi o quanto estava emocionada. — Ei, olha pra mim. — Com o dedo indicador, puxei o seu queixo para cima. — O que houve, está sentindo alguma coisa?

PERIGOSAS ACHERON

— Saudade!

— Saudade de casa?

— Não, saudade do que nunca tive e já vou perder.

— Olhou-me com tanta ternura que meu coração se aqueceu. — Sei que não deveria, mas já estou com saudades de você.

Também sentia algo forte entre nós e não queria perdê-la de jeito nenhum, mas ao lembrar-me que isso poderia acontecer quando eu lhe contasse quem sou, eu travei e fiquei sem palavras.

Ela puxou as pernas, dobrou-as e as abraçou, voltando a olhar para a chuva e eu me senti o pior dos homens por ainda estar mentindo para ela, mas aqui, no meio do mato, não era o melhor lugar para contar o quanto fui mesquinho. Laura continuou falando.

— Parece que faz tanto tempo, já me habituei a conviver com você e acho tão normal que seria
PERIGOSAS ACHERON

estranho ficar...

— Ficar longe? — Ela me olhou tão profundamente que daria o mundo se ela me pedisse naquele momento. — Eu sinto o mesmo por você, minha Lady.

Aproximei-me de seu rosto e beijei os seus lábios.

— Minha mãe disse que quando eu era criança, adorava banho de chuva e nem ligava para o barulho dos trovões. — Parou e sorriu saudosa ao lembrar da infância, depois voltou a falar. — Ela dizia que eu era muito corajosa, mas cresci e parei de sentir as sensações boas da vida só por medo do barulho. É uma metáfora, sabe?

— Sua mãe deve ser uma mulher muito sábia. Quando eu vou conhecê-la?

— Você quer conhecer a minha mãe? — Ela pareceu abismada com a minha pergunta.

— Você não pretende levar isso aqui adiante? —
PERIGOSAS ACHERON

Sentei-me pegando em suas mãos. — Eu não quero que isso acabe, Laura. Acho que...— Não consegui concluir a frase, não tem como eu ter me apaixonado por ele em tão pouco tempo. Será? Não, era coisa de minha cabeça.

— Será que isso daria certo, Alberto? — Ela tentava ser racional.— Moramos a quilômetros de distância, como isso seria possível?

— Calma, podemos tentar, mas antes...

Um trovão rugiu e a fez tremer de corpo inteiro. Eu estava começando a odiar trovões, definitivamente eles estragavam qualquer clima romântico. Passado o susto, fui até o zíper e fechei a barraca. Comemos um pouco, tomamos um vinho e nos deitamos abraçadinhos, ficando assim até pegarmos no sono.

Amanheceu, mas ainda continuava chovendo. Achei melhor irmos para casa, já que o tempo não estava convidativo e eu precisava conversar com

PERIGOSAS ACHERON

ela. Laura ficou calada durante todo o caminho, eu também, já que estava refletindo sobre qual a melhor forma de contar tudo para ela.

Estacionei o carro com o coração na boca, eu não podia mais adiantar a nossa conversa, não depois de tudo o que vivemos e dos sentimentos que começávamos a nutrir um pelo outro. Coloquei a mão na porta e temi por pensar em como ela reagiria, mas assim que saímos do carro, uma surpresa nos aguardava bem na frente da minha porta.

— Pai, não me avisou que voltaria hoje. — Abraçamo-nos com cumplicidade. — Estava com saudades, meu velho? Como está o meu sobrinho?

— Ah, Rui, ele é lindo, forte como um touro. — Olhei na mesma hora para Laura e ela estava boquiaberta. Meu pai não percebeu nada e continuou falando. — Ele é grandão, meu filho, puxou o avô.

— Que bom, pai! — falava com ele, mas não tirava PERIGOSAS ACHERON

os olhos dela, tinha medo que saísse correndo dali.
— Acho bom a gente entrar e conversar lá dentro.
Vamos, Laura?

Eu peguei em sua mão, puxando-a para perto de mim, mas ela soltou-se e eu senti a decepção em seu olhar. Sua expressão era um misto de tristeza e pânico, talvez até de incredulidade. Eu consegui sentir a sua dor e queria muito me explicar, mas ela foi ríspida ao falar e ali eu entendi o quanto seria difícil me desculpar.

— Quem está me convidando a entrar, o Rui ou o Alberto? — perguntou-me baixinho tentando não chamar a atenção de meu pai.

— Por favor, me deixa explicar! — implorei.

— Filho, que falta de educação a sua. Não vai me apresentar para a moça? — Parece que só agora meu pai se deu conta de que eu estava acompanhado.

Eu olhava para ela e suplicava que me escutasse,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

não queria perdê-la, mas sabia que descobrir daquele jeito seria um baque muito grande. Agora eu não era apenas mentiroso, era o cafajeste que me aproveitei dela.

— Prazer, senhor...? — Laura estendeu a mão para o meu pai quando percebeu que eu não tinha condições de apresentá-los.

— Roberto. — Ele apertou a mão dela e soltou logo em seguida. — Sou pai desse garotão aqui. — Bateu no meu ombro.

— Sou Laura. — Direccionou-se para a porta, pedindo que eu a abrisse, já que ela estava sem chave. — Não vou atrapalhar o encontro de vocês, só vou me trocar e já estou de partida.

— Laura, não — pedi mais uma vez

— Ah, não queria atrapalhar vocês. — Meu pai olhou para mim e percebeu que havia algo me angustiando. — Não vou me demorar, minha filha.

PERIGOSAS ACHERON

— Não tem nada a ver com o senhor, seu Roberto, só preciso voltar para a minha casa. Minha vida de verdade me espera. — Ela me olhou com uma tristeza tão profunda e mal empurrou a porta, correu a subir a escada.

— O que houve, meu filho? — Seu Roberto não me deixaria em paz até que eu lhe contasse tudo.

— Pai, vou falar com ela e já volto, vai na cozinha passar aquele café pra gente, pode ser?

Meu velho assentiu e se afastou, eu subi a escada de dois em dois degraus, queria chegar logo até ela, queria abraçá-la e pedir perdão, mas a porta estava trancada e não atendeu às minhas súplicas.

Decidi descer e esperar ela se acalmar, com certeza não fugiria pela janela. Agora teria que enfrentar o interrogatório de seu Roberto, por mais que eu fosse adulto, ele jamais deixaria de dar o seu pitaco.

Ele sempre nos ensinou a respeitar uma mulher e jamais mentir para ela, era um romântico à moda
PERIGOSAS ACHERON

antiga, mas não era nada machista, para ele, geralmente a mulher tinha razão e é assim que ele e minha mãe se mantêm casados e felizes por tanto tempo.

Depois de contar tudo ao meu pai, sem ser interrompido um minuto sequer, ele apenas meneou a cabeça em reprimenda.

— Filho, você errou desde o início com essa mulher, mas percebo em seu semblante o quanto está arrependido. Como pretende consertar essa merda toda?

Eu errei feio e estava pagando por isso, mas me encantei por ela e me sentia correspondido. Não poderia perdê-la, mas não sabia como proceder diante disso. Senti-me um adolescente imaturo naquele momento.

— Ela não quer me ouvir, pai. Vou deixar que esfrie a cabeça e depois vou resolver isso.

— Nada disso, vai resolver isso é agora. — Tomou PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

o restante do café que estava na xícara e pegou as chaves do seu carro que estavam sobre a mesa. — Vou sair e deixar vocês dois se resolverem.

Ouvimos um barulho de buzina na frente da casa, logo depois ouvi a porta da rua se fechando. Saí correndo e vi Laura entrando num táxi, fui até ela:

— Laura, por favor, vamos conversar.

Ela pediu que o motorista seguisse viagem e se afastou, mas vi seus olhos úmidos e vermelhos. Eu a havia magoado, mas se nós dois não significasse nada, ela não teria chorado. Olhei para o meu pai e ele deu um leve tapa em minha cabeça

— E o que você está fazendo aqui que ainda não foi atrás dela?

— Acha mesmo que eu deveria?

— Vai logo, corre para o Aeroporto, Rui!

E, seguindo os conselhos de meu velho, fui atrás da
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mulher que, em apenas uma semana, havia me tirado do eixo.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 11

Laura

Assim que entrei, arrumei a mochila com a maior brevidade, apertei para caber as roupas novas que havia comprado e deixei a que usaria na viagem sobre a cama, precisava tomar um banho antes de partir. Ouvi passos na escada, corri e tranquei a porta, ele não merecia ver as lágrimas que eu acabava de derramar.

Quando desci a escada não encontrei nenhum dos dois, ouvi vozes vindas da cozinha, aproveitei para sair de fininho, até porque eu já havia chamado um táxi para me levar à rodoviária, já que não haveria nenhum voo nas próximas horas e eu tinha pressa em partir.

Assim que o carro chegou, Alberto o ouviu e correu até a porta, mas eu já havia entrado. Olhei-o pela última vez e bati a porta, dando um ponto final naquela história.

— Laura, não vá, vamos conversar!

— Toca *pra* frente, moço. — Queria fugir dali antes que uma cascata de lágrimas me humilhasse ainda mais. Mesmo com a voz embargada, ainda consegui falar. — Rodoviária, por favor.

As lágrimas molhavam o meu rosto ao mesmo tempo em que a chuva escorria pelo vidro da janela. Eu havia conhecido um homem maravilhoso e ele era tão lindo e doce como os dos livros que eu lia. Caí no conto do vigário e percebi que devo ter feito o mesmo com as minhas leitoras. Chorei até a rodoviária e agradei por não ter que esperar muito para o ônibus seguir viagem. Levei um dia e algumas horas para chegar em casa, mas, quando a porta se abriu, senti um vazio muito grande. Aquele ali era o meu lar e sei que com o tempo eu iria esquecer aquele pulha escroto, mas confesso que odiei abrir a porta e não encontrar aquele sorriso me esperando.

Chorei horrores e assim que me recompus, desfiz a mochila e corri para o celular, precisava avisar à
PERIGOSAS ACHERON

minha mãe que havia chegado. Coincidência ou não, havia uma mensagem da Dani perguntando se havia conseguido encontrar o Rui, ela disse que estava arrependida de ter terminado, que ele não era tão ruim assim e queria um conselho meu. A mensagem era de dois dias atrás.

O que eu poderia dizer para a minha leitora? *Olha, ele é um cafajeste, depois de dormir comigo, várias vezes, descobri que é um crápula, acho melhor não ficar com ele, não.* Meu coração estava dilacerado, eu havia me apaixonado pelo cara que denunciou o meu livro e que era ex-namorado de uma leitora, mas em meio ao caos eu só pensava: “*Será que ele toparia voltar para ela?*”

Imaginar ele nos braços de outra era uma tortura. Eu devo ser uma masoquista, só uma pessoa sem amor próprio sofre por um crápula, não é? Pensar nisso me fez lembrar que eu não havia mais entrado na *SonhoDigital* para ver a repercussão do meu conto. Coloquei o notebook para carregar e corri para o banho, precisava tirar a incha da viagem, afinal só havia me banhado há mais de vinte e

PERIGOSAS ACHERON

quatro horas.

Depois de um um banho e vestida com uma roupa limpa e fresca, sentei-me no sofá com o computador no colo e me surpreendi ao ter milhões de mensagens não lidas. A repercussão do conto foi maravilhosa, mas a maioria das mensagens era em resposta a uma carta escrita para mim e publicada na plataforma.

Minhas mãos tremeram e cogitei não clicar na história, mas minha curiosidade foi maior, principalmente quando eu li o nome do autor: Rui Alberto de Castro Melo. A capa foi feita com uma foto minha que ele havia tirado sem que eu nem soubesse. O título era Lady Laura. Definitivamente, eu deveria estar sendo motivo de chacota àquela altura. Na sinopse estava escrito apenas: EU TE AMO! VOCÊ ME PERDOA? Quem leria um livro com essa sinopse?

Eu não sabia que poderia chorar ainda mais, achei que tivesse esgotado o estoque de lágrimas durante a viagem, mas estava enganada. A história tinha PERIGOSAS ACHERON

apenas dois capítulos que comecei a ler mesmo com os olhos embaçados.

*Minha Lady,
posso não ter o mesmo dom que tens com a escrita,
mas acho que dizer EU TE AMO requer muito mais
sentimento do que habilidade.*

*Quando apareceu para mim, naquela manhã
chuvosa, foi como um raio de sol num dia nublado.
Nada contra o cinza, mas o brilho amarelo aquece
o meu corpo e, assim como você, ilumina a minha
casa. Você chegou como uma desvairada corajosa,
uma mulher determinada a recuperar o seu livro e
eu apenas pensei em te ajudar a enxergar o mundo
fora das linhas.*

*Tolo fui em pensar que você precisava de ajuda
quando era eu quem precisava de amor. Aquele
jantar romântico, aquela dança à luz de velas,
aquela noite maluca e aquele pôr do sol nas pedras
foram as maiores e melhores aventuras de minha
vida. Quis que você experimentasse o mundo real e
acabei caindo no meu engodo sem enredo.*

Eu achei que você estava perdida em seu mundo ficcional, mas fui eu que me achei em seu sorriso, em seus beijos e em seus braços, o meu melhor abrigo. Eu fui vítima do inesperado, mas não me importaria de estar preso em seus traços. Me insere em seu livro, me castiga o quanto quiser, mas não me deixa fora de sua história.

Parafraseando o rei, me leve para casa, Lady Laura, me conte uma história. Te amo!

Eu nem estava acreditando no que havia acabado de ler, era uma carta curta, mas a mais romântica que já li. Enxuguei as lágrimas e fui ler a enxurrada de comentários. Confesso que eles arrancaram alguns risos.

“Olha a @LadyLaura, arrasando corações!”

“Gente, se ela não quiser, eu quero ele pra mim.”

Será que eu quero? Não consigo imaginá-lo em nenhum outro abraço que não seja o meu.

“@LadyLaura, dá ele pra mim?”

“Será que é gato como os personagens dos livros?”

Lembrei dele e de seu sorriso, seus beijos. Nossa, ele realmente é muito gato, mas claro que eu não poderia responder.

“E aí, @LadyLaura, conta pra gente: ele faz gostoso como o CEO da sua história?”

Só em pensar nisso eu me contorcia. Ele fazia bem demais, muito melhor que na ficção.

“@RuiMelo, quer casar comigo?”

Os comentários chegavam aos montes e eu resolvi pular logo para o segundo capítulo. Definitivamente, aquele deveria ser o menor capítulo da história. Em poucas linhas estava escrito:

Amor, vai demorar? Amo bolo de fubá, mas não aguento comer mais nenhuma fatia e não quero fazer desfeita para a sua mãe.

Eu larguei o notebook sobre o sofá e abri a porta de minha casa. Parei na calçada e fiquei olhando a casa de porta vermelha do outro lado da rua. Meu coração parecia querer saltar do meu corpo, minhas pernas pesavam toneladas, mas, sem perceber, eu já havia parado com a mão na maçaneta do lar onde passei toda a minha infância.

— Oi, mãe! — falei assim que abri a porta e a encontrei na sala.

Ela se aproximou e abraçou-me, como toda mãe saudosa faria.

— Tá mais bonita, filha, o que fez de diferente?

— Não pergunta, mãe, tenho certeza que não vai querer ouvir. — Minha irmã soltou mais uma de suas piadas maldosas e correu para me abraçar também. — Mana, ele é muito gato!

Abracei as duas por um bom tempo. Eu realmente estava com muita saudade delas. Depois de toda a nossa troca de carinhos, eu me afastei um pouco e perguntei o que realmente queria saber:

— Cadê ele?

As duas me olharam e minha mãe balançou a cabeça enquanto sorria de canto.

— Lá no quintal! Quando a mãe descobriu que ele era paisagista, já pediu para olhar as plantas dela — minha irmã entregou logo

— O quê que tem, o moço gosta de planta, não pedi nada demais — riu de sua façanha.

— Tá bom, mãe! Vou lá falar com ele.

Andei até a cozinha e fiquei olhando-o pela janela. Estava todo sujo de terra, mas parecia satisfeito com as mãos enfiadas em um dos vasos. Ele suava muito, sua camisa estava molhada, mas claro que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

respeitoso do jeito que era, jamais ficaria sem camisa na casa de minha mãe.

— Maninha, manda o pobre tirar a camisa, o bichinho tá todo suado.

— Mas que irmãzinha generosa que eu tenho — ri de sua cara safada. — Vocês não têm medo de receber um estranho dentro de casa?

— Ah, ele foi bem convincente sobre te conhecer, ainda mais depois que disse que veio aqui para entregar isso aí. — Apontou para o armário da cozinha. — Só um *homão* desse para fazer você esquecer desse bendito caderno.

Lembrei o porquê aquele homem havia me desnortado a ponto de me fazer esquecer o meu amigo inseparável. Apesar de ter me chateado muito, confesso que o que sentia por ele era maior do que a raiva por ter sido enganada. Minha irmã saiu da janela e eu voltei a encará-lo quando fui pega no flagra.

PERIGOSAS ACHERON

Ele parou o que estava fazendo, sacudiu as mãos tirando o excesso de terra e encaminhou-se em minha direção. Eu descí os poucos degraus que separavam a cozinha do quintal e nos encontramos, ficando parados frente a frente. Eu sabia que ele havia agido errado, mas naquele momento eu sentia apenas uma vontade irracional de ser consumida por seus beijos.

— Me perdoa, por favor! — suplicou com os olhos mais lindos do mundo. — Quando cheguei naquele aeroporto e não te encontrei, me dei conta de que você é meu lar e não consigo mais viver sem você.

Meu coração pulou e só faltou saltar para fora do meu corpo, mas não poderia ceder assim tão rápido.

— Não lembro de ter dito onde moro. Como me achou? — Tentei parecer fria e fingi que não me importei com a linda declaração que acabou de fazer.

— Seu caderno tem endereço e telefone. Quando voltei para casa e arrumei todas coisas que estavam

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

dentro do carro, eu o encontrei. Naquele mesmo instante eu corri de volta para o aeroporto e cheguei aqui um dia antes de você, deduzi que havia voltado de ônibus. — Suas mãos estavam inquietas, senti que ele queria me pegar, mas as colocou dentro dos bolsos da calça.

— E já foi logo fazendo amizade com a sogra, né?
— Ele se abriu em um sorriso mais iluminado que o sol do meio dia — Se eu aceitar namorar contigo, vai devolver o meu livro?

Caímos nos braços um do outro e eu o beijei como se fosse a primeira vez. Seu cheiro, seus lábios, o toque de seus dedos sobre a minha pele, a pressão dos seus braços em torno de meu corpo, tudo nele tinha gosto de felicidade. Eu me senti tão acolhida e preenchida que tive certeza que, naquele momento, ele era o meu final feliz.

PERIGOSAS ACHERON

Epílogo

Laura

— Me conte uma história, mamãe! — Ela me pediu unindo as mãos em súplica.

— Você sabe que não resisto a essa carinha de pidona. — Peguei um dos livros de sua estante e sentei-me na cama, de frente para ela. — Era uma vez...

— Ah, não! Quero uma história diferente. — Cruzou os braços, mostrando-se irredutível. — Tô cansada de “Era uma vez pra lá”, “Era uma vez pra cá”. — Fez careta enquanto usava as mãos para apontar direita e esquerda. — Será que ninguém consegue fazer algo diferente?

— Jesus, estamos criando uma monstrelha!

— Ahhhh! — Pulei da cama com o grito de Julia.
— Pai, quer me matar do coração?

— Vocês dois parecem duas crianças. — Olhei para Alberto, repreendendo-o por usar aquela máscara de monstro. — Você sabe que ela tem aula amanhã cedo, *né*? Não pode chegar desse jeito, ela tem que relaxar antes de dormir.

— Eu também te amo, minha Lady! — Puxou-me pela cintura e beijou-me castamente. — Desculpe-me pelo atraso.

— Tá perdoado, mas pare de me tapear e trate de contar uma história para a sua filha e ela já disse que não quer as de sempre.

— Ah, agora é minha filha, *né*? — Foi até Julia e beijou o alto de sua cabeça. — Por acaso eu fiz sozinho, foi?

— *Hello*, por um acaso vocês estão esquecendo que nenhum dos dois me fizeram? — Julia nos fez lembrar do dia em que nós a escolhemos.

— Claro, meu amor, só tô tirando sarro da cara de sua mãe. — Alberto empurrou nossa filha para o PERIGOSAS ACHERON

lado e sentou-se ao lado dela. — Diz pro papai qual a história que você quer que eu te conto, vai.

Julia olhou de mim para Alberto e eu já sabia qual a história que ela queria.

— Ah, filha, de novo essa história? Ela tá mais batida que qualquer “Era uma vez”.

— Ah, conta, vai! Por favorzinho!

— Tá bom. — Empurrei os pés de Alberto para o canto e sentei-me em sua cama. — Era uma vez...

— Todos caímos na gargalhada — um homem mau que, por ser muito infantil, destruiu os sonhos de uma escritora com o futuro promissor, mas ela, muito determinada, foi atrás dele e...

— E descobriu que o cara não era tããão mal assim.

— Alberto sempre cortava a minha fala e nunca me deixava contar a história do meu jeito. — Na verdade, a mulher não imaginava que o cara fosse assim tão bonito, sensual, boa gente e acabou seduzindo-o.

— Epa, não foi bem assim! Na verdade, ela não seduziu ele, ela se apaixonou porque ele mentiu e fingiu ser um cara legal, escondendo quem ele era de verdade.

— Ele era legal, vai. Só não teve coragem de encarar a temida caçadora de livros. — Alberto piscou para mim. — Ele te amou desde o início, sabia?

— Eu também amei ele e o amo até hoje.

— Nossa, já vi que vocês não vão terminar essa história. — Julia ergueu o corpo que estava deitado e sentou-se, cruzando as pernas. — Pula logo pra parte em que eu virei filha de vocês, vai?

Eu olhei para Alberto e, silenciosamente, pedi que ele contasse. Sempre me emocionava ao lembrar daquele dia.

— Então, princesa, nós estávamos numa livraria onde mamãe passaria a tarde dando autógrafos. —
PERIGOSAS ACHERON

Ele estendeu-me a mão, segurando a minha. — Aí, você apareceu, com um sorriso mais lindo do mundo, e pediu um livro de presente, mas só queria se fosse autografado.

— Eu lembro disso, aí você disse: “Não meu amor, esse livro não é para a sua idade”.

— Eu me ofereci para comprar um livro para você, mas você disse que só queria autografado, lembra?

— Alberto sempre gostou de criança e desde o começo se encantou com a nossa filha.

— É que a gente vendia mais caro, aí dava para comprar mais comida. — Meu coração se apertou ao lembrar que a minha menina já havia morado nas ruas e passado tanta necessidade.

— E você achando que ela era uma apaixonada pela literatura, hein, amor? — Alberto tentou fazer graça, porque eu sempre chorava ao lembrar desse dia.

— É, mas a tia Laís estava dando autógrafos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

naquele dia, numa livraria na mesma rua que a da mamãe, aí o papai me levou lá e me deu dois exemplares de “A segunda geração”.

— Eu saquei logo que você estava sendo espertinha, já vi muitas crianças que nem você na porta da padaria.

Eu não aguentei segurar a emoção e ela transbordou em forma de lágrimas. Os dois pularam em meu pescoço e me abraçaram até que o soluço cessasse. Julia era uma menina, que assim como muitas outras crianças, não foi assistida e abraçada pelo poder do Estado.

Julia não se criou nas ruas, ela vivia numa casa com a avó que a criava. Quando a idosa faleceu, a criança ficou sem teto já que o cantinho onde viviam era alugado. Há encontramos poucos meses depois dela ter fugido de um orfanato.

Foi um processo demorado, mas conseguimos adotá-la. Hoje ela tem uma família e enche a nossa vida e a nossa casa de amor.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Filha, a sua touca soltou, deixa eu ajeitar. —
Tentei mudar o rumo da nossa conversa.

— Qual é dessa touca que parece mais um cuecão de seda? — Alberto era um piadista nato.

— Foi a tia Taiane que me deu, chegou hoje pelos correios. — Eu terminei de ajeitar a infinidade de cachos que escapulia da touca. — Ela disse que ajuda a manter os meus cachos mais arrumados quando eu acordar.

— Agora é só tia Taiane pra lá, tia Taiane pra cá.
— Expulsei Alberto da cama e acomodei Julia no travesseiro. — Soube que você tá ajudando ela com o conto novo que ela tá escrevendo.

— Fica com ciúme não, mamãe, eu te amo! — Ela beijou a minha bochecha e me deu um abraço bem apertado. — A tia Taiane só pede a minha ajuda porque a protagonista dela tem o cabelo crespo, igual ao meu. Até ajudei a escolher o título.

PERIGOSAS ACHERON

— É, e qual é?

— Cachos, pra quê te quero? — Apertou os próprios cachos, por cima da touca. — Não é legal ter um livro com alguém igual a mim?

— É sim, filha! Muito legal mesmo. — Puxei o seu cobertor e apaguei a luz do abajur. — Para de ficar nos olhando feito uma estátua e vem logo dar o beijo de boa noite na sua filha! — falei com Alberto que estava de braços cruzados com o corpo apoiado sobre a cômoda.

— Boa noite, filha! — Beijou a testa de Julia. — Papai te ama, tá? Amo vocês duas.

Ele veio até mim, beijou os meus olhos lacrimejantes e contornou a minha cintura, nos levando para fora do quarto. Assim que chegamos na sala, Alberto me jogou contra a parede, enfiou uma das mãos por baixo da minha camisola e sussurrou em meu ouvido:

— Acho que a Julia tá precisando de uma
PERIGOSAS ACHERON

irmãzinha para fazer companhia para ela. — Voltou a me apertar, mas o toque do telefone nos interrompeu. — Ah, deixa tocar, vai?

— Não, estou esperando um telefonema de minha editora. — Corri para o telefone. — Alô, Eveline?

Alberto colou-se em minhas costas, tirando a minha concentração ao enfiar uma língua quentinha em minha orelha.

— Sim, tô ouvindo — falei com a respiração entrecortada. — É, ele tá aqui, sim. — Bati em sua mão, desprendendo-me de seu laço e correndo para sentar no sofá. — Sério?

Alberto parou e ficou curioso me olhando. Ele sabia o quanto a escrita era importante em minha vida e sempre me apoiava em tudo. Agora eu era uma escritora profissional e era assistida por uma grande editora.

— Eveline, minha anja, muito obrigada por tudo!
— Olhei para Alberto, doida para contar a
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

novidade. — Tá, tchau.

Desliguei o telefone e comecei a pular de felicidade.

— Amor, eu consegui. — Avancei sobre ele, enchendo-o de beijos. — Eu vou publicar pela AE, a maior editora da América Latina.

— Então acho que isso pede uma comemoração. — Caímos no sofá, ele já ia arrancando a minha calcinha quando o freei. — Aqui não, a Julia pode descer.

Alberto saltou do sofá e me puxou pela mão, subimos correndo para o nosso quarto. Desde que a pequena Julia chegou em nossas vidas que não sabíamos o que era transar onde queríamos. Ela foi um daqueles imprevistos maravilhosos que a vida nos trouxe, assim como aquele imprevisto de ter meu livro excluído pelo homem da minha vida. Talvez o imprevisto, na verdade, seja a previsão do destino.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Fim

PERIGOSAS ACHERON

Biografia e obras

Fabi Dias é baiana, tem 39 anos, é formada em História, atuando aulas, é mãe em tempo integral e escritora nas horas vagas. Mora em Pojuca (BA) com suas duas filhas, o marido e a cadela Lola. Tem o grande sonho de viver dos seus livros.

Livros publicado na *Amazon*

CINQUENTA TREPADAS DE POBRE- LIVRO UM

<https://my.w.tt/MtJUZHdk4S>

Livros em andamento no *Wattpad*.

CINQUENTA TREPADAS DE POBRE - LIVRO DOIS

<https://www.amazon.com.br/dp/B07HD8SZC1>

DESCANSE EM PAZ

<https://my.w.tt/fflCTtASkT>

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON